

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**REVISÃO DAS CONCEPÇÕES FILOSÓFICA, METODOLÓGICA
E TEÓRICA DA EDUCAÇÃO DO SURDO**

LUIZ APARECIDO DOS SANTOS

**CAMPINAS
2005**



LUIZ APARECIDO DOS SANTOS

**REVISÃO DAS CONCEPÇÕES FILOSÓFICA, METODOLÓGICA
E TEÓRICA DA EDUCAÇÃO DO SURDO**

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Especialista à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, na área de Educação Física Adaptada, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo.

**CAMPINAS
2005**

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois em sua grandeza me fez ver e respeitar o homem em suas várias formas de criação.

Ao Prof.dr. Paulo Ferreira de Araújo, o Paulinho, por sua paciência e tolerância ao ouvir as minhas ansiedades e angústias que convertidas em longas conversas transformaram-se, uma após a outra, em preciosos momentos de discussões e orientações.

A Profa.dra. Maria da Consolação G.C. Tavares, a Consolação, pela sua serenidade ao discutir os conteúdos metodológicos induzindo-me em uma busca do saber científico.

Ao Prof.dr. José Luis Rodrigues, o Zé. Em nossas conversas pude ver a riqueza do saber construído uma vida de práticas e estudos.

Ao Prof.dr. Julio Gavião, o Gavião, pelas suas irreverências durante a nossa convivência, que nos fizeram ver, de forma alegre e descontraída, as dificuldades do não ver.

Ao Prof.dr. Edison Duarte, o Edison, pelas contribuições literárias que foram de muita importância para este trabalho.

A profa. Mestra Rita de Fátima da Silva, pela sua preciosa ajuda na estruturação e correções deste trabalho.

Aos colegas do curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada. Em especial: à Kolontai e Gerson pela parceria e ao André pelo auxílio.

A minha esposa Rosângela e filha Paula. Que o resultado deste trabalho sirva de perdão pela minha ausência em momentos importantes da suas vidas.

DEDICATÓRIA

Aqueles seres humanos que no início do meu trabalho, me escutavam com seus olhos atentos a minha boca, e respondiam as minhas dúvidas com gestos construídos pelas suas mãos.

Dedico aos meus alunos surdos!

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
Capítulo I	
1. Introdução	01
1.1. Problematizando o Tema Pesquisado	01
1.2. Relevância da Tematização	02
1.3. Objetivo e contribuições	02
1.4. Caracterização Metodológica	02
Capítulo II	
2. A Pessoa Portadora da Deficiência Auditiva Considerações	04
2.1. Considerações Gerais Sobre Deficiência Auditiva (Surdez)	04
2.1.1. Anatomia dos Órgãos do Aparelho Auditivo e seu funcionamento.	04
2.1.2. Conceito e Classificação da Deficiência Auditiva.	05
2.1.3. Etiologia ou Causas da Surdez.	08
3. Considerações Históricas Sobre as Pessoas Portadoras de Deficiências.	10
3.1. Definindo o termo Pessoas Portadoras de Deficiências.	10
3.2. Reflexões históricas das pessoas deficientes.	12
3.3. Uma breve contextualização das causas históricas das deficiências.	15
3.4. Relatos históricos dos deficientes auditivos e suas origens	16

Capítulo III

3. A Pessoa Deficiente Auditiva, Sua Educação e Suas Abordagens	20
3.1. Rompendo barreiras paradigmáticas para educação da pessoa surda.	21
3.2. A educação dos surdos, métodos ou filosofia de trabalho.	26
3.2.1. A língua de sinais.	26
3.2.2. O oralismo.	28
3.2.3. Comunicação Total e Bimodalismo	30
3.2.4. Bilingüismo.	32

Capítulo IV

4. A Educação Física para Surdos Suas primeiras Iniciativas	35
4.1. A educação física e suas Heranças históricas.	35
4.1.1. Os sistemas ginásticos europeus.	36
4.1.2. O sistemas esportivo Inglês.	36
4.1.3. A educação Física no Brasil e suas raízes	37
4.2. As primeiras iniciativas a educação física para surdos.	39
4.3. O professor de educação física e suas relações na educação do surdo.	40
4.3.1. A formação profissional na educação física e seus desencontros na educação do surdo	40
4.3.2. A educação física a caminho da educação do surdo.	42
4.3.3. A educação física instrumento faciilitador na interação do surdo.	43

Capítulo V

5. Considerações Finais	45
Referências Bibliográficas	48
APÊNDICE	54

RESUMO

Este estudo nos leva a pensar na importância da ação do professor de educação física e a estruturação de propostas metodológicas para esta ação no ensino educacional da pessoa surda, desde a educação escolar até os mais superiores níveis como na formação universitária do educador físico. É decisiva no direcionamento do processo de inclusão dos portadores de deficiência auditiva. A construção dessa ação nos reporta a elementos que influenciaram nos estudos sobre os deficientes auditivos, que nos remete a reflexões sobre as relações entre a educação e a educação física, muitas dessas reflexões levam em conta o contexto histórico para a construção de um conhecimento não só conceitual, mas também atitudinal e procedimental. Estes conhecimentos influenciaram na formação e na ação prática do profissional de educação física para a população de surdos. Desta forma problematizou-se, sobre os possíveis fatores que dificultam a ação do profissional de educação física na atuação com deficientes auditivos (surdos), objetivando conhecer a realidade brasileira. Assim, direcionou-se a pesquisa na abordagem qualitativa, através de uma revisão de literatura e cunho descritivo, sendo assim capaz de atingir os objetivos desta construção, em que busca-se a aquisição do conhecer: os aspectos da anatomia e do aparelho auditivo; A classificação da surdez mediante as etiologias; A aquisição ampliada do histórico das deficiências de forma geral com ênfase a deficiência auditiva; Assim buscando-se também conhecer os aspectos educacionais e abordagens na educação do surdo; Como também a educação física para alunos surdos e suas primeiras iniciativas, suas heranças, os desencontros na relação e ações do profissional de educação física com o aluno surdo em função de sua formação, buscando-se a construção de caminhos para uma educação física que mostre o seu caráter facilitador na integração do aluno surdo e ouvinte com possíveis propostas para atuação do professor de educação física.

Palavras-Chave: Educação; Surdos; Educação Física; Deficiência;

SUMMARY

This study lead us to think about the importance of the action of the physical education teacher and the organization of methodological proposals for it in the deaf people education, from elementary education to the university as the graduation of the physical educator. It's decisive for the inclusion process of deaf people. The construction of this action reports us to elements that influenced in studies about deaf people, which send us to reflections about the relation between the education and the physical education. Many of these reflections take into account the historie context for the construction of knowledge, not only conceptual, but also positional and conductional. The knowledge influenced the formation and practical action of the physical education professional for the deaf population. It is made problematic the possible factors that become difficult the action of the physical education professional with deaf people performance, objectifying to know the Brazilian reality. This way, the research was aimed in the qualitative approach, through a revision of literature and descriptive incuse, being capable to achieve the objects of this construction, which aims the acquisition of knowledge: the aspects of the auditory organs anatomy; the classification of deafness by means of etiologies; the enlarged acquisition of the deficiency's historical, in general with emphasis in the additive deficiency; This way, searching for knowing the educational aspects and approaches in the deaf education; as well the physical education for deaf students and their first initiatives, their heritages, the disagreements in the relation and physical education professional actions with the deaf student in function of his formation, searching the construction of ways for a physical education that shows its easeful character for the integration of deaf and listening students with possible proposals for the action of the physical education teacher.

Key words: Education; Deaf People, Physical Education;

Capítulo I

1. Introdução

1.1. Problematizando o Tema Pesquisado:

O problema está nas ações do professor de educação física em sua atuação profissional como educador, em face às dificuldades encontradas por mim, e creio que também pela maioria dos profissionais de educação física, que atuam em escolas da rede pública de ensino, particular e em organizações não governamentais, que, como nas escolas, têm o mesmo objetivo: o atendimento de pessoas surdas. Reforçando esta problemática utilizamos as palavras de MITTLER (2000) Apud MANTOAN (2003 p.21):

Os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças nas salas de aulas, especialmente atender os alunos com deficiências, pois seus colegas especializados sempre se distinguiram por realizar unicamente esse atendimento e exageraram essa capacidade de fazê-lo aos olhos de todos.

Acentuando, assim, nossas dificuldades ao elaborarmos e pormos em prática uma proposta de aula para crianças surdas, em virtude de ignorarmos os aspectos educacionais do surdo, o que nos leva ao foco de nossa pesquisa através do estudo sobre as concepções filosóficas, metodológicas e teoria da educação dos surdos. Bem como abrir possíveis questões sobre formação do profissional de educação física.

1.2. Relevância da Tematização:

A relevância da temática está no interesse crescente da sociedade brasileira e mundial pelos fatores do desenvolvimento nos processos educacionais inclusivos e da estruturação de programas educacionais para os portadores de deficiências, em particular pela nossa pesquisa direcionada ao Auditivo ou Surdo.

1.3. Objetivo e Contribuições:

Neste estudo nos preocupamos em objetivar as razões e fatos históricos da educação dos deficientes, dando ênfase aos deficientes auditivos ou surdos, dentro de concepções filosóficas e metodológicas. Contribuindo com profissional de educação física e de outras áreas, para o conhecimento destes fatos referente aos aspectos educacionais do aluno surdo em seu contexto escolar inclusivo, reduzindo assim as dificuldades no lidar com esses alunos e possibilitando futuramente uma proposta metodológica aos professores de educação física.

1.4. Caracterização Metodológica:

Este estudo utiliza-se de uma revisão de literatura com objetivos específicos, através de levantamento bibliográfico. Assumindo características no método da pesquisa qualitativa de cunho descritivo e documental. Reforço este fato através das palavras de SOBRINHO (1995, p.48) que afirma sobre a abordagem (qualitativa) "... comparação dentro de um sistema de valores de caráter, inegavelmente, político, ideológico e cultural". Para TAVARES (2000, p.28) esta abordagem "... procura esclarecer uma situação para uma tomada de consciência".

Para obtermos uma melhor compreensão sobre a temática de nosso trabalho de pesquisa, estruturamos em capítulos os quais são:

Capítulo II

Buscamos neste capítulo entrar em contato com a anatomia humana no que diz respeito aos órgãos da audição e seu funcionamento; aos conceitos e classificação da deficiência auditiva e aspectos de sua etiologia. Posteriormente visualizamos aspectos históricos sobre as pessoas com deficiência no tocante às definições do termo; às possíveis causas da deficiência auditiva.

Capítulo III

Identificar os caminhos percorridos pela educação dos surdos e suas abordagens, visualizando suas quebras de paradigmas; a educação com seus métodos ou filosofias de trabalho, o oralismo, língua de sinais, comunicação total e bimodalismo, bilingüismo.

Capítulo IV

Neste busca-se elucidar a educação física para surdos e suas primeiras iniciativas, observando as heranças históricas de forma em geral, os sistemas ginástico e esportivo, o professor e sua formação e relações na educação do surdo, a educação física facilitando a interação do surdo.

Capítulo V

Após estruturarmos este estudo nestes quatro capítulos, temos o fechamento numa discussão aberta em nossas considerações finais.

Capítulo II

A PESSOA PORTADORA DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA CONSIDERAÇÕES.

2-Considerações Gerais Sobre Deficiência Auditiva (Surdez)

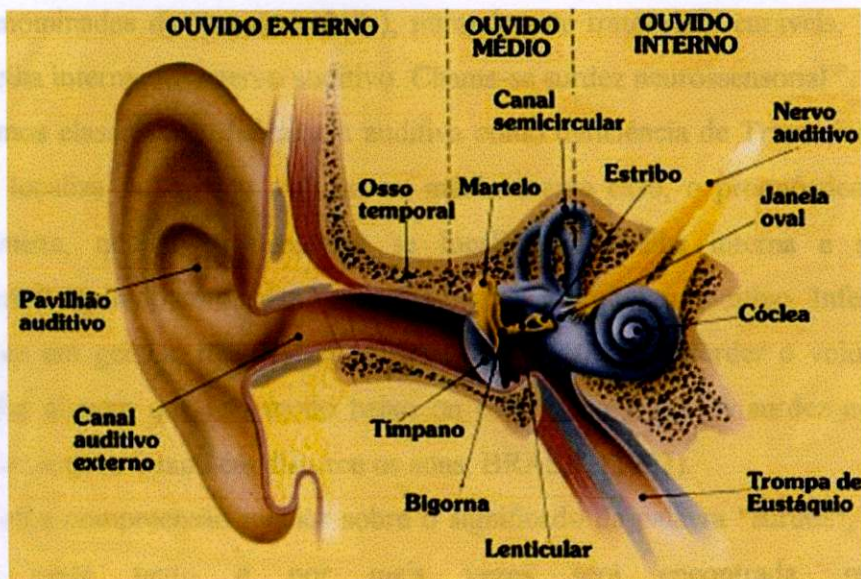
No decorrer deste capítulo, estaremos fazendo um estudo reflexivo sobre a pessoa portadora de deficiência auditiva, definindo e classificando a surdez em seus aspectos anatômicos, fisiológicos e etiológicos, obedecendo a uma ordem cronológica onde estaremos, de certa forma, antecipando alguns resultados de estudos de épocas diferentes em busca das relações existentes através dos fatos históricos. Em sequência, estaremos estudando os principais fatos históricos relevantes, ligados às pessoas deficientes que têm como partida a historicidade de forma geral, levando-nos por trilhas de estudos que caracterizarão e definirão a deficiência auditiva de forma contextualiza.

2.1- Anatomia do órgão do aparelho auditivo e seu funcionamento.

O ouvido capta vibrações do ar (sons) e as transforma em impulsos nervosos que o cérebro "ouve". O ouvido externo é composto pelo pavilhão e pelo canal auditivo (vide fig.01). A entrada do canal é coberta de pêlos e cera, que ajudam a mantê-lo limpo.

O canal auditivo leva o som a uma membrana circular e flexível, chamada Tímpano, que vibra ao receber ondas sonoras. Esta, por sua vez, faz vibrar, no ouvido médio, três ossículos (martelo, bigorna e estribo), que ampliam e intensificam as vibrações, conduzindo-as ao ouvido interno.

O ouvido interno é formado por um complexo sistema de canais (canal semicircular a cóclea) contendo líquido aquoso. Vibrações do ouvido médio fazem com que esse líquido se mova e as extremidades dos nervos sensitivos convertem esse movimento em sinais elétricos, que são enviados ao cérebro, através do nervo da audição (nervo auditivo) BRASIL (1997, p.23).



(Figura 1)

BRASIL (1997, p.23)

2.2 - Conceito e Classificação da deficiência Auditiva.

Podemos observar em nossas leituras realizadas sobre este assunto que vários autores, após seus estudos sobre a deficiência auditiva, conceituam-na e classificam de maneira semelhante em sua ótica anatômica, como veremos em duas opiniões neste assunto a seguir.

LOPES FILHO (1997), deficiência auditiva conceitua-se desde um simples fato social não compreendido quer seja pela dificuldade de interpretação nos aspectos de linguagem ou pelo impedimento funcional das estruturas anatômicas.

Em estudos organizados por BRASIL (1997), denomina-se deficiência auditiva a diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, sendo considerado surdo o indivíduo cuja audição não é funcional na vida comum, e parcialmente surdo, aquele cuja audição, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva.

As perdas auditivas podem ser classificadas segundo LOPES FILHO (1997) de acordo com sua localização topográfica como: (condutivas, sensorineurais, mistas, centrais e funcionais) ou de expressão clínica (hipoacusia, diacusia, surdez e anacusia).

Em BRASIL (1997 p.31), existem dois tipos principais de problemas auditivos. "O primeiro afeta a ouvido externo ou médio e provoca dificuldades auditivas "condutivas" (Também denominadas de "transmissão"), normalmente tratáveis e curáveis. O outro tipo envolve a orelha interna ou o nervo auditivo. Chama-se surdez neurosensorial".

Podemos classificar a deficiência auditiva como deficiência de Transmissão, quando o problema se localiza no ouvido externo ou médio (nesse caso, o prognóstico costuma ser excelente); mista, quando o problema se localiza na orelha interna e sensorineural (neurosensorial), quando se origina na orelha interna e no nervo auditivo. Infelizmente, esse tipo de surdez em geral é irreversível. A Surdez condutiva faz perder o volume sonoro, é como entender alguém que fala muito baixo ou está muito longe. A surdez neurosensorial corta o volume sonoro e também distorce os sons, BRASIL (1997).

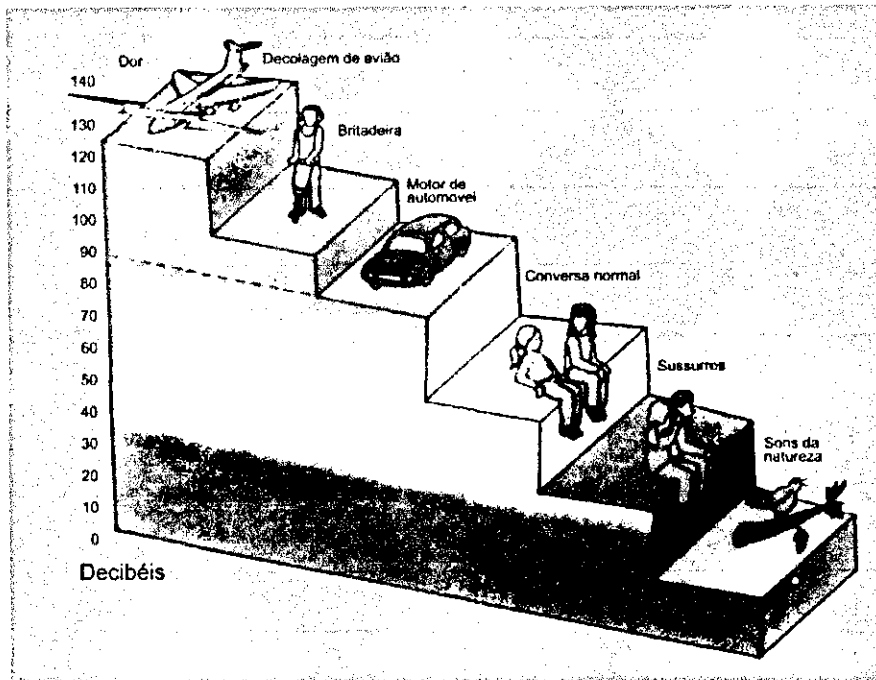
Para uma compreensão melhor sobre o significado da palavra "surdez", a qual já fora mencionado neste texto e por mais vezes será encontrada, reportamos a LOPES FILHO (1997) que compreende:

A surdez como a audição socialmente incapacitante. O Surdo é incapaz de desenvolver a linguagem oral, evidentemente porque não ouve. Os limiares auditivos destes pacientes são de tal forma elevados que não conseguem escutar o som de modo adequado. Escutam ruídos, mas não sons.

Também poderemos ter como outro significado de surdez o relativo a perda de audição com valores superiores a 93 dB (decibéis). Este termo "Decibéis" ou abreviado "dB" de acordo com BRASIL (1997 p.46):

É a medida em unidades da intensidade e ou volume dos sons, a exemplo podemos citar: Sessenta dB é a intensidade do som de uma conversa, e 120 dB a de um avião a jato. Assim podemos dizer se uma pessoa "perder" 25dB de volume, poderá ter problemas de audição o que podemos ver na (figura 2).

(Figura 2)



BRASIL (1997, p.46)

Assim, podemos em função desta avaliação das perdas auditivas em “Decibéis” classificá-las conforme citado em BRASIL (1997) em Normal, Leve, Moderada, Moderada Severa, Severa e Profunda, conforme quadro abaixo.

QUADRO –II	
Grau de Deficiência	Perda em dB
Normal	0 a 15
Leve	6 a 40
Moderada	41 a 55
Moderada Severa	56 a 70
Severa	71 a 90
Profunda	+ de 90

Classificação das Perdas Auditivas de Davis – BRASIL (1997 p.47)

2.3- Etiologia ou causas da Surdez.

A deficiência auditiva pode ser congênita ou adquirida. As principais causas da deficiência congênita são hereditárias, viroses maternas (rubéola, sarampo), doenças tóxicas da gestante (sífilis, citomegalovírus, toxoplasmose), ingestão de medicamentos ototóxicos (lesam o nervo auditivo) durante a gravidez. É adquirida, quando existe uma predisposição

genética (ostosclerose), ao ocorrer meningite, ingestão de remédios ototóxicos, exposição a sons impactantes (explosão) e viroses. BRASIL (1997 p.33)

É através dos estudos sobre as causas ou etiologia da surdez, que estamos criando um novo pensar sobre a deficiência auditiva, pois, até nos dias atuais, ainda deparamos com conceitos completamente equivocados. Ainda se confunde a Surdez com a deficiência mental, classificam os deficientes auditivos de “Doidinhos”, “Mudos” ou “Surdos-Mudos”, sendo que o que ocorre na verdade é uma perda na audição do indivíduo, e, se a perda for muito elevada, torna-o “Surdo” ou em condição de Surdez. Hoje o que podemos constatar é que a comunidade surda tem seu posicionamento referente a sua classificação: preferem ser chamados pelo seu nome de registro civil ou de “Surdo “ em função perda auditiva.

Com os estudos e avanços científicos, hoje sabemos que são diversas e diferentes as causas (etiologia) que dão origem à Surdez. Ao depararmos com os estudos contidos em BRASIL (1997, p.33 e 34), podemos destacar em âmbito biomédico as etiologias da deficiência auditiva como:

Causas Pré-natais: (A criança adquire a surdez através da mãe, no período de gestação):

- Desordens genéticas ou hereditárias;
- Relativas ao fator Rh;
- Relativas a doenças infecto-contagiosas, como rubéola;
- Sífilis, citomegalovírus, toxoplasmosse, herpes;
- Remédios ototóxicos, drogas, alcoolismo materno;
- Desnutrição/subnutrição/carência alimentar;
- Pressão alta, diabetes;
- Exposição à radiação;
- Outras;

Causas Peri-natais: (A criança fica surda, porque surgem problemas no parto):

- Pré-maturidade, pós-maturidade, anóxia, fórceps;
- Infecção hospitalar;
- Outras;

Causas Pós-natais: (A criança fica surda, porque surgem problemas após seu nascimento):

- Meningite;
- Remédios ototóxicos, em excesso, ou sem orientação médica;
- Sífilis adquirida;
- Sarampo ou caxumba;
- Exposição contínua a ruídos ou sons muito alto;
- Traumatismos cranianos;
- Outras;

Até o presente momento, nossos estudos se concentraram em informações de caráter biológico e técnico. Tendo a intenção inicial de direcionar nosso olhar de forma mais reflexiva para uma melhor compreensão das informações que virão a seguir, podendo refletir sobre o comportamento social humano perante as pessoas portadoras de deficiência auditiva

ou a outra deficiência, nos diversos períodos históricos, objetivando uma melhor compreensão futura perante aos fatos que seguirão no decorrer destes estudos, mesmo que estas informações não sejam pertinentes a época, isto é, o homem em seus estudos do comportamento humano e das ciências biológicas não havia ainda deparado com tais conhecimentos ou estava a caminho deles, o que posteriormente viriam esclarecer de forma mais concreta, precisa, e científica suas desconfiças, dúvidas e conceitos que eram na maioria das vezes atribuídos de forma equivocada, não só pela ignorância em face aos conhecimentos, bem como pelo interesse pessoal de algumas facções sociais, que determinavam estas imposições sociais, às pessoas portadora de deficiência, durante os séculos.

3. Considerações históricas sobre as pessoas portadoras de deficiências

3.1-Definindo o Termo Pessoas Portadoras de Deficiência:

Ao traçarmos qualquer comentário sobre as "Pessoas portadoras de deficiências", é prudente obtermos alguns definições sobre ao assunto em questão e o porquê do termo, pois teremos uma visão mais acentuada sobre essas óticas de diferentes organizações sociais em determinados momentos históricos e culturais, assim buscamos algumas citações sobre o termo, como:

CARMO (1989) Apud ARAUJO (1999, p.19), que define o termo "deficiente" como sendo:

Atributo, via de regra, aos membros de uma sociedade que representam alguma forma de anormalidade ou diferenciação perante aos demais, quer no domínio cognitivo quer no afetivo ou motor, tem sido objeto de críticas e discussões entre profissionais que lidam com indivíduos assim designados.

BRASIL (1974, p.02), segundo as definições oficialmente vigentes que determina que:

A excepcionalidade incluiria os deficientes da visão (cegos/parcialmente cegos); da audição (surdos/parcialmente), os deficientes físicos (não sensoriais), os deficientes mentais (educáveis, treináveis, dependentes), os portadores de deficiência múltipla, os portadores de problemas de conduta e os superdotados. Estes seriam os indivíduos que, segundo indicava o Centro Nacional

de Educação Especial (Cenesp), “requerem considerações especiais no lar, na escola e na sociedade”.

Mas para seguirmos nossos estudos e tomarmos precauções para que os mesmos não se tornem redundantes, estaremos tomando o mesmo caminho que fizeram ARAUJO (1991), FERREIRA (1993) e RIBAS (1983), quando optaram pela definição apresentada na Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 1975, cujo enunciado relata:

O termo “pessoas deficientes” refere-se a qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência, congênita ou não, em suas capacidades físicas ou mentais.

O termo “Pessoas Deficientes” também é muito utilizado por compreender que o estudo trata de seres humanos (pessoas) e, portando, pede a escolha de um termo que os defina de forma mais apropriada, sem a estigmatização ou rotulação do deficiente, o que podemos ver ao ler o trabalho de RODRIGUES (1991), que optou pelo termo “Pessoa portadora de deficiência”, pois tal expressão coloca em foco a pessoa e não só a deficiência. É importante considerá-las antes como pessoas e só depois pensar em suas possíveis “Limitações”.

No entanto, neste estudo estaremos utilizando uma terminologia que procura acompanhar vários seguimentos e em diferentes momentos de nossa pesquisa.

Ao utilizarmos o termo deficiente físico (P.F.), pessoa portadora de deficiência (P.P.F.), estaremos num segmento mais social, tendo uma visão mais ampla das deficiências, sem abordar uma específica, como podemos observar nas colocações de RODRIGUES(1991), ARAUJO (1991), FERREIRA (1993) e outros.

Em outros momentos, estaremos usando outras terminologias que abrangem o segmento educacional ou escolar como Portadores de Necessidade Educacionais (ou Educativas) Especiais, alunos ou crianças com Necessidades Educativas Especiais, este último termo foi conceituado pelo relatório de Warnock (Reino Unido) em 1978 em valorização mais da educação do aluno do que da sua deficiência, como podemos observar nos estudos de RODRIGUES (2000 e 2001).

No entanto, também utilizamos outros termos como Deficiente Auditivo (DF), Pessoa Surda ou Surdo, por estarmos num segmento que aborda conceitos mais específicos de uma deficiência, o que podemos constatar nos estudos de LOPES FILHO (1997), QUADROS (1997), SOARES (1999) e outros.

3.2 – Reflexões históricas das pessoas deficientes:

Este estudo, de forma geral, incidirá sobre a deficiência auditiva, mas sempre se reportando às demais pela própria história da deficiência, no contexto social e cultural, sobre os processos da inclusão desses indivíduos no mundo e no Brasil.

Faz-se necessária uma análise breve dos processos históricos, desde as mais primitivas sociedades até os tempos atuais, no tocante aos aspectos de como lidavam com estas pessoas em seus meios sociais e culturais e as principais causas que levavam os indivíduos a portarem uma deficiência. São estes comportamentos sócios culturais do homem que levam minha investigação a obter mais fundamentação também na ciência da antropologia social, como podemos observar nos estudos de DAOLIO (1995, p.30):

A antropologia nos ensina a evitar qualquer tipo de preconceito, uma vez que todo comportamento humano, por possuir uma dimensão pública, não pode ser julgado por meio de conceitos implacáveis como bom/mau ou certo/errado. O entendimento de qualquer atitude humana deve ser buscado em referências culturais que dão sentido a essas atitudes.

Em busca de mais afirmações que possam completar nossa linha de raciocínio sobre os comportamentos humanos, deparamos com Liev Semiónovitch Vigotski, (1896-1934) de origem Russa, o qual, em seus estudos desenvolvidos nos campos da: lingüística, ciências sociais, psicologia, filosofia e das artes, relata as experiências e pesquisas em trabalhos desenvolvidos com pessoas deficientes.

Em seus estudos, VIGOTSKI, Apud SILVA (2001, p.36) faz considerações relacionadas ao desenvolvimento de crianças deficientes:

O autor afirma que, na filogênese, o desenvolvimento humano desdobra-se em linhas: o desenvolvimento biológico e o desenvolvimento cultural. Na ontogênese, as duas linhas se fundem e formam um processo complexo. Analisar, apenas, o aspecto biológico, não permite explicar o que é específico ao homem, não revela a origem do funcionamento mental complexo, pois a história das funções superiores encontra-se imbricada às possibilidades/condições/exigências do contexto cultural. As bases explicativas orientam-se, assim, para a cultura e para a história. VIGOTSKI destaca a necessidade de atenção às contingências culturais e, no caso das crianças deficientes, com as formas pelas quais são constituídas suas relações com o mundo.

Com estas colocações e as que virão a seguir, não temos como objeto principal deste estudo uma analogia histórica e antropológica da vida social e cultural das pessoas deficientes, mas objetivamos a construção de referenciais, os quais nos fornecerão subsídios para uma melhor compreensão dos fatos, da realidade brasileira, abrindo questionamentos a

partir dos fatos mais antigos, para que com certeza possamos obter uma relação próxima aos atuais processos educacionais das pessoas deficientes em seus meios sociais, com isto podendo traçar paralelos entre a educação e a educação física adaptada.

A princípio a investigação tem seu enfoque centralizado nos fatos históricos, numa tentativa de compreender melhor os atuais, sobre o processo de inclusão das pessoas deficientes, buscando os fatos que levavam ou levam as sociedades à exclusão das pessoas deficientes do convívio social, mesmo que nas descobertas venhamos a nos deparar com condutas antigas das sociedades perante as pessoas deficientes com as mesmas condutas na sociedade contemporânea.

Investigando a história podemos constatar que até no século XVIII as noções a respeito das deficiências eram basicamente ligadas ao misticismo e ocultismo, não havia base científica para o desenvolvimento de noções realísticas, este desconhecimento causava temor em relação às pessoas portadoras de deficiência, provocando assim uma marginalização, segregação e isolamento da sociedade MAZZOTTA (2001).

Além do desconhecimento científico sobre as causas das deficiências, temos que levar em consideração fatores culturais atuantes no meio social da época, como podemos observar nos estudos de MAZZOTA (2001, p.16) sobre o comportamento social neste período:

A própria religião, com toda sua força cultural, ao colocar o homem como “imagem e semelhança de Deus”, ser perfeito, inculcava a idéia da condição humana como incluindo perfeição física e mental. E não sendo “parecidos com Deus”, os portadores de deficiência (ou imperfeições) eram postos à margem da condição humana. Por outro lado, observa-se que um consenso social pessimista, fundamentado essencialmente na idéia de que a condição de “incapacitado”, “deficiente”, “inválido” é uma condição imutável, levou à completa omissão da sociedade em relação à organização de serviços para atender às necessidades individuais específicas dessa população.

De certa forma, não podemos condenar as atitudes sociais da época sobre os deficientes, por considerar que esta mesma sociedade estava em sua longa caminhada na construção sócio-cultural, e assim começam a surgir as primeiras iniciativas mais humanitárias para a época através da segregação dos deficientes em instituições assistenciais, um passo considerável, pois outrora se matavam os deficientes. Na maioria das vezes estas ações da sociedade vinham ao encontro de suas reais necessidades sociais, culturais, econômicas e religiosas. Como poderemos observar nestas afirmações de ROSADAS (1991, p.11), que nos descreve tais fatos:

(...) ao longo da história do homem sobre a terra, a deficiência física ou mental sempre existiram e a rejeição ao deficiente vem sendo uma constante. Primitivamente matava-se física ou socialmente, pela segregação. Povos houve, que fizeram dos deficientes abandonados à parte do templo ou isolados em uma instituição assistencial mantidos por esmolas, objetos de uma falsa caridade porque, através do dinheiro doado é que os mantinham isolados em um asilo. Comprava-se o conforto visual, o silêncio acusatório da consciência e pensava-se comprar o passaporte para o céu.

O que podemos observar na história é que as relações entre a sociedade e a pessoa deficiente tem sido conturbada em vários períodos da história humana, onde os pensamentos e práticas sociais revelam a pouca valorização humana destes seres.

“Desde a Idade Média, as relações da sociedade com a pessoa com deficiência foram marcadas por práticas de eliminação física, de eliminação social, fonte de piedade, de tolerância, de curiosidade e de estudo” ROCHA Apud CORRER (2003 p.26).

Ao traçarmos um paralelo histórico, poderemos observar que no final do século XV e início XVI, período que acentuava a colonização no Brasil, a história não se diferenciava, o que poderemos confirmar na citação de JANNUZZI (2004 p.09):

As crônicas da época revelavam que crianças que traziam defeitos físicos ou mentais eram abandonados em lugares assediados por bichos que muitas vezes as mutilavam, comiam ou matavam, e quando isto não ocorria, restava o destino de perecerem de fome, frio ou sede.

FERREIRA (1993, p.75 e 76), em seu trabalho comenta uma Inclusão obscurecida, em parte, pela compreensão do quadro básico da deficiência.

O que torna comum os deficientes visuais, auditivos, físicos, é a sua dependência, sua não-produtividade e seu isolamento. A deficiência é a segregação, mais do que o caráter comum de certas características dos indivíduos ditos deficientes. A normalidade é a exclusão dos indivíduos ditos deficientes. A normalidade é a exclusão dos indivíduos não-produtivos (ou que requerem atendimentos especializados, onerosos, para produzirem).

Em sequência ao nosso pensamento sobre os comportamentos sociais, podemos observar o comentário de CORREIA (1990) Apud ARAUJO (1999, p.18) ao mencionar :

“A defesa da educação dos “anormais” passava pela questão de economia aos cofres públicos e dos bolsos dos participantes, evitando, por um lado, a construção e manutenção de manicômios, asilos, e, por outro, a incorporação deste ao trabalho”.

Ao concluir estas reflexões históricas dos deficientes, sobre os motivos ou razões que levava ou leva a sociedade à exclusão ou inclusão dos deficientes, reportamos-nos a citação de CORRER (2003, p.26), quando menciona que :

As ações que uma sociedade desenvolve com relação à pessoa com deficiência são fundamentalmente determinadas pelas concepções que assume sobre o homem, as interações sociais e as diferenças, bem como pelos valores que permeiam tais concepções.

3.3- Uma breve contextualização das causas históricas das deficiências:

Ao fazer estas contextualizações, gostaríamos também de provocar reflexões sobre estes fatos, perante o discutido no primeiro capítulo deste estudo. E que nossas conclusões sobre as reflexões obtidas possam nos servir de bússola na orientação de nosso caminhar reflexivo nos demais capítulos.

Sabemos que, desde o princípio do homem na terra, sua busca tem sido pelo convívio social, através da vida em grupos, pois isto lhe permitia mais proteção das intempéries da natureza, dos outros animais e da sua própria espécie (grupos rivais). Assim surgiam situações de convívio social, por exemplo, em sua reprodução, pois não era sempre que conseguiam capturar uma mulher de outra tribo. Assim sendo, na maioria das vezes, a cópula acontecia com uma de seu próprio clã cujo grau de parentesco era muito próximo e o fator consanguíneo se fazia presente, gerando na maioria filhos com algum problema congênito.

Assim, podemos ver um caso histórico, mencionado por SILVA (1986, p.73) em que relata:

O nascimento de Noé universalmente conhecido pelo seu feito bíblico da Arca, neste acontecimento através de relatos do "Livro de Enoc, o Profeta" o documento proscrito pela Igreja Católica, descreve: Depois de Algum tempo meu filho Matusalém escolheu uma esposa para seu filho Lamec. Ela engravidou e deu à luz uma criança cuja pele era branca como a neve e vermelha como uma rosa; cujo cabelo era comprido e alvo como a lã e cujos olhos eram lindos. Quando os abriu iluminou toda a casa, como o sol; a casa toda ficou cheia de luz. Tal fato histórico levou Lamec a duvidar da honestidade de sua esposa, mas posteriormente esclarecido, como uma divindade de Deus e que a criança deveria ser chamada de Noé (Consolo da Terra) e deveria ser preparado para eventos que culminariam com o dilúvio, 600 anos após.

SILVA (1986), abre uma discussão de uma eventual origem de albinismo pela característica de Noé, no "Livro de Enoc, o Profeta" há um texto comentando que Lamec e sua esposa eram primos em primeiro grau, sendo o tipo comum de consanguinidade em albinismo.

Estes estudos históricos nos arremessam a uma construção de hipóteses sobre o comportamento social dos indivíduos em épocas passadas, fazendo uma cronologia até a

atualidade. Assim podemos verificar possíveis causas da deficiência, além dos fatores genéticos, outros contribuíam, como as doenças, a busca pelos alimentos (a caça), o confronto com as intempéries do ambiente, nas construções e no confronto com outros grupos ou povos (batalhas ou guerras).

SILVA (1986), menciona a existência de um livro escrito por um grande sábio chamado Samônico (Quintus Severus Samonicus) com data do Século III d.C., o qual relata além de remédios, orientações ao combate de certos males ou doenças que podiam levar a deficiências físicas ou sensoriais, como a gota, a elefantíase, males das articulações, a epilepsia, e doenças da visão e da audição.

Além das doenças, era muito comum a mutilação, oriunda dos confrontos nos combates (batalhas, guerras), ou pelos castigos, punição, penalidades por crimes cometidos e outras. Como podemos ver, SILVA (1986) relata fatos históricos como o do direito penal Bizantino cujas penalidades impostas pelas leis baseavam-se em castigos que redundavam na instalação de limitações físicas e sensoriais, o das mutilações em cristãos durante a perseguição romana e outros fatos.

Também nas situações da deficiência adquirida dentre a vida civil, menciona que, na vida industrial e na forte construção civil grega, os acidentes de trabalho ocorriam com bastante frequência, causando sérios danos ao corpo, físico ou sensorial.

No tocante as deficiências que ocorriam em virtude das guerras ou batalhas, podemos ilustrar a realidade da vida militar grega:

Onde os serviços médicos na área militar não atendiam apenas os soldados gregos e seus aliados, mas também os prisioneiros com problemas de mutilações ou doenças graves. As amputações traumáticas das mãos, braços e pernas ocorriam com frequência nos campos de batalha devido aos combates corpo-a-corpo e ao uso de armas cortantes. SILVA (1986, p.96).

3.4 – Relatos históricos dos deficientes auditivos no Brasil e suas origens:

Em todo o contexto visto até o momento, podemos notar que a deficiência auditiva se enquadra como parte integrante do processo histórico em todos os aspectos relativos as deficiências, mas o que iremos constatar ao aprofundarmos especificamente nos fatos que incidem na história sobre os surdos, é que aparentemente foram os primeiros a se organizarem em busca de sua cidadania e de seus direitos, os quais eram obscurecidos e impedidos de serem vividos plenamente, em virtude de imposições políticas sociais existentes nos períodos

históricos - em alguns casos permanecem até a atualidade. Em nossos estudos, podemos ver que, muito antes da idade média, tínhamos sociedades, é o que podemos verificar nas citações a seguir, como nos estudos de HIGGINS Apud LOPES FILHO (1997, p.328) ao descrever:

Os ouvintes na antiguidade greco-romana consideravam que os surdos não eram seres humanos competentes. Isto decorria do pressuposto de que o pensamento não podia se desenvolver sem linguagem e que esta não se desenvolvia sem a fala. Uma vez que a fala não se desenvolvia sem a audição, quem não ouvia, não falava e não pensava, não podendo receber ensinamento e, portanto, aprender.

Pensamentos com estes foram aludidos por filósofos como Aristóteles que considerava que a linguagem era o que dava condição de humano para o indivíduo, portanto sem linguagem o surdo era considerado não-humano e não tinha possibilidade de desenvolver faculdades intelectuais LOPES FILHO (1997).

Tais pensamentos foram superados gradualmente. Constituiu-se, então, a base para o trabalho ou métodos de recuperação dos surdos no decorrer dos séculos seguintes, sempre fundamentados na humanização do indivíduo em detrimento da "Fala", métodos que estaremos colocando em discussão no capítulo seguinte.

Ainda relacionando a obscuridade de seus direitos, podemos mencionar que os romanos privavam os surdos que não podiam falar dos seus direitos legais, e por mais irônica que possa ser, se analisarmos hoje o nosso Código Civil Brasileiro, iremos constatar que o mesmo considera os surdos incapazes, comparados aos alienados mentais OLIVEIRA (1989)

Essa visão sobre os surdos começava a provocar descontentamentos em certas facções sociais como: a igreja com as perdas de almas e de algumas famílias com perdas de posses e riquezas. Perante a visão religiosa de que os princípios da igreja católica eram difundir o cristianismo bem como a salvação das almas dos mortais, os surdos tornavam-se incapazes de serem salvos em virtude de não poderem ser considerados mortais já que não podiam falar os sacramentos.

Com relação às perdas das famílias citamos SKLIAR Apud LOPES FILHO (1997) quando fala que apenas no final da idade média, século XIV, esboçava-se um caminho para educação do surdo, na colocação de um professor, o qual se dedicava inteiramente ao aluno para ensiná-lo a falar, ler e escrever, para que ele pudesse ter o direito de herdar os títulos e herança familiar.

Com isto, podemos deduzir que seriam as primeiras tentativas de ensinamentos ao surdo, de constatação de que ele poderia aprender através da língua oral ou dos sinais. A Língua Oral é uma língua natural que surgiu espontaneamente da interação entre pessoas em

seu meio social e utiliza-se de um meio ou canal Oral Auditivo (comunicação através da fala). A Língua de Sinais também é uma língua natural, distinguindo-se da língua oral, e, por sua vez, utiliza-se de um meio ou canal Visual-Espacial (comunicação através gestos ou sinais realizados pelo corpo especificamente braços e mãos), BRASIL (1997).

Relatos históricos apontam para o século XV na Europa, como marco inicial da verdadeira educação dos surdos, mesmo que ainda dirigida aos filhos de nobres, sendo o primeiro professor de surdos da história “Pedro Ponce de Leon” (1520 – 1584), cujo trabalho viria servir de base para outros educadores de surdos LOPES FILHO (1997).

Ponce de Leon, ao conseguir ensinar os surdos a falar, ler, escrever, sendo que alguns tiveram um progresso tão grande que chegaram a aprender filosofia, provocava um novo pensar sobre os surdos, com isto houve uma ruptura nas falsas crenças existentes sobre os surdos, como: religiosa, filosófica e médica, pois os médicos afirmavam que os surdos não aprenderiam em virtude de acreditarem na época que, além da surdez, eram acometidos também de lesões cerebrais LOPES FILHO (1997).

No Brasil, relatos históricos datam que as iniciativas oficiais e particulares aconteceram de forma isolada no final do século XVIII, através de um cidadão de origem Francesa, Ernesto Huet (surdo congênito), e de seu irmão, professor do Instituto de Burges na França, o qual, ao chegar ao Rio de Janeiro no final do ano de 1855, é levado ao Imperador D.Pedro II cuja simpatia consegue conquistar, o que lhe permite a abertura da primeira escola para surdo do Brasil, que ,em pouco tempo de sua existência , levaria o Imperador D.Pedro II, através de uma lei, fundar um instituto para surdos, pela lei no.839 de 26 de setembro de 1957 fundaria na cidade do Rio de Janeiro o “Imperial Instituto de Surdo-Mudos”, o qual, cem anos depois, em 1957, passaria a chamar-se “ Instituto Nacional de Educação de Surdos” – INES, de acordo com MAZZOTTA (2001), JANNUZZI (2004) e SACKS (1998).

Poderemos também, em complementação aos dados acima, fazer uma menção sobre as primeiras tentativas para educação dos surdos no Brasil não formalizada que datam do ano de 1835, conforme estudos de SILVA (1986, p.283):

Através do deputado Cornélio Ferreira França, entra com um projeto de lei, no dia 29 de agosto de 1.935, o qual em seu primeiro artigo determinava que “na capital do império, como nos principais lugares de cada cidade ou província será criada uma classe para surdos-mudos e cegos”, mas, devido a motivos políticos não esclarecidos, nem discutido em plenário foi.

Esta ruptura das falsas crenças existente sobre os surdos, provocada por Pedro Ponce de Leon, irá impulsionar uma educação dos surdos subjugadas ao surgimento de vertentes pedagógicas que irão brotar em métodos ou forma de ensino divergentes entre si, em detrimento aos direcionamentos dos estudos sobre o surdo e das políticas sociais vigentes na época. Isto será objeto de estudo no próximo capítulo.

Capítulo – III

A PESSOA DEFICIENTE AUDITIVA, SUA EDUCAÇÃO E SUAS ABORDAGENS.

(...) Vou começar falando de uma vespa, famosa e conhecida, que pode ser vista pelos campos numa eterna caçada que se repete há milhares de gerações. A vespa procura uma aranha. Trava com ela uma luta de vida e morte. Pica-a várias vezes, paralisando-a viva. Arrasta-a, então, indefesa, para o seu ninho, um buraco na terra. Deposita os seus ovos. Depois disto sai e morre. Tempos depois nascem as larvas que se alimentarão da carne viva da aranha. Crescerão sem ter nenhuma mestra que lhes ensine o que fazer. A despeito disto, farão exatamente o que fizeram sua mãe, sua avó, e todos os ancestrais, por tempos imemoriais...

RUBENS ALVES Apud BRUHNS (1994, p.17)

Neste capítulo, temos como objetivos discutir dados relacionados às bases da educação da pessoa deficiente auditiva (crianças, adolescentes e adultos surdos), como também seus primeiros contatos com a educação física. No que diz respeito à palavra “Educação” em nossos estudos, podemos entender como um dos processos mais longos que o ser humano passa, que tem seu início ao nascer e se estenderá por toda sua vida, se analisarmos de forma comparativa um bebê humano e um filhote de outros seres vivos, poderemos perceber que a maioria dos filhotes de animais nascem dotados de saberes instintivos em função de sua própria sobrevivência. Algumas destas espécies logo ao nascerem têm poucos minutos para ficar em pé e movimentarem-se com sua manada para não serem alvo de predadores, o que não ocorre com um bebê humano. O nosso filhote vem ao mundo desprovido dos aparatos necessários a sua sobrevivência às leis naturais. Ele precisará estar em contado com adultos de sua espécie que propiciarão além da garantia de sua sobrevivência biológica, alimentando-

o, cuidando de sua higiene e saúde, abrigando-o das intempéries da natureza, os quais também o colocará em contato com sua língua, sua cultura e membros de sua comunidade, a este processo de aprendizagem e desenvolvimento com base na aquisição de conhecimentos, com objetivos específicos de sobrevivência, manutenção e evolução da espécie humana, a isto poderemos aqui chamar de educação.

Baseando-se em uma busca pela essência do ato educativo MEDINA (1992, p.47), diz que:

A educação seria um processo pelo qual os seres humanos buscam sistemática ou assystematicamente o desenvolvimento de todas as suas potencialidades, sempre no sentido de uma auto-realização, em conformidade com a própria realização da sociedade.

3.1 – Rompendo barreiras paradigmáticas para educação da pessoa surda.

A educação das pessoas com deficiência auditiva (surdos) foi morosa em virtude dos falsos pensamentos sociais que se tinha em épocas passadas, os quais colaboraram para enraizar-se nas idéias das incapacidades dos surdos, quer seja na ótica social, religiosa, médica e filosófica, em face dos acontecimentos no final do século XV, na Europa.

Mas sem sobra de dúvida, o feito do abade beneditino Pedro Ponce de León, como o primeiro preceptor de alunos surdos pertencentes à casta social da época, consegue, através de seu método constituído por um alfabeto manual, ensinar os surdos a falar, ler, escrever, fazer contas e executar preceitos religiosos como rezar e até confessar-se, (BRASIL 1997, LOPES FILHO 1997, SACKS 1998, SOARES 1999 E JANNUZZI 2004). Com este fato, a sociedade começa a repensar sobre seus pontos de vista médico, religioso e filosófico da época.

REILY & REILY Apud JANNUZZI (2004, p.30) apresenta um fato que se relaciona à possível origem dos sinais para surdos utilizados por Ponce de León:

Presume-se que esta forma de comunicação se tenha originado nos conventos, onde o silêncio era uma maneira de atingir recolhimento, sacrifício, encontro de espiritualidade. Há um livro denominado "Monasteriales indicia", copiado entre 900 e 1000 d.C, da linha beneditina em Inglês arcaico que traz algumas listagens de sinais produzidos nos mosteiros, referentes ao universo religioso vivenciado.

Na verdade, o que podemos afirmar sobre Ponce de León é que para o seu trabalho com deficientes auditivos teve grande influência um médico italiano, que de acordo com estudos de SILVA (1986 p.227):

No final do século XV, com a publicação da obra “De Inventione Dialética”, de Rodolph Bauer (1433 a 1485). Nesta obra o autor faz menção a um surdo-mudo que se comunicava por escrito. No entanto, foi apenas um século após que Jerônimo Cardan (1501 a 1576), médico, matemático e astrólogo e, segundo alguns contemporâneos, jogador e ardiloso egomaniaco de origem italiana, surgiu no panorama, questionando um princípio defendido por Aristóteles (o pensamento é impossível sem a palavra) Cardan inventou um código para ensinar os surdos a ler e escrever. À semelhança do futuro código de escrita e leitura Braille para cegos que surgiria apenas no século XIX. Foi Cardan quem influenciou as idéias do monge beneditino espanhol Pedro Ponce de León (1520 a 1584), muito dedicado à educação dos deficientes auditivos e que nunca escreveu sobre seu método de trabalho.

Mesmo que provido de um ensino que atingia somente a nobreza europeia da época, Ponce de León consegue mostrar as capacidades ou competências físicas, mentais e as possibilidades de desenvolvimento da pessoa surda perante aos demais. Pela observação dos fatos da época, podemos afirmar com clareza que, através dos resultados obtidos por Ponce de León e alguns médicos que impulsionados nas idéias que vertiam em busca de mudanças de um novo pensar sobre o homem, provocariam reflexões e mudanças de pensamentos na área médica e outras. É o que poderemos contemplar com os estudos de JANNUZZI (2004, p.31), ao citar que uma nova vertente, a Médico-Pedagógica, surgia então:

O despertar dos médicos nesse campo educacional pode ser interpretado como procura de respostas ao desafio apresentado pelos casos mais graves, resistente ao tratamento exclusivamente terapêutico, quer no atendimento clínico particular, quer no, muitas vezes, encontro doloroso de crianças misturadas às diversas anomalias nos locais que abrigavam todo o tipo de doente, inclusive os loucos. Recorreram não só aos conhecimentos médicos. À anatomia a partir do século XVI, mas também à observação.

Descobertas médicas no mesmo período reforçavam esta vertente médica pedagógica, como podemos confirmar nos estudos de (SOARES 1999 e JANNUZZI 2004), onde mencionam que paralelo ao trabalho de Ponce de León, praticamente na mesma época, um médico italiano chamado Gerolamo Cardano (1501-1576) em suas investigações com bases na fisiologia e anatomia humana sobre o aproveitamento da condutibilidade óssea do som, conclui que a escrita poderia representar os sons da fala ou representar as idéias de pensamentos, por isso, a surdez-mudez não prejudicava a aprendizagem, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar seus pensamentos.

Em face aos acontecimentos e descobertas realizadas no século XV e XVII, viriam fortalecer inquestionáveis mudanças nas concepções sobre o homem. De acordo com (SILVA, 1986), que menciona o surgimento, na Europa cristã, de uma nova forma de pensamento: a do

“espírito científico” em contra partida aos tradicionais de “natureza” os quais eram muito afastados da realidade.

O que sucedia era que o homem estava vivendo num mundo difícil e repleto de problemas no qual os homens ligados ao poder espiritual taxavam muito do que era “natural” e relacionado ao dia-a-dia, ou seja, bens e/ou comportamentos, como desprezível, miserável, pecaminoso face ao destino imortal do homem, sua vida eterna e às idéias de paraíso, purgatório e inferno.(SILVA, 1986 p.225).

Tais mudanças iriam aflorar um movimento que já tinha suas manifestações desde o século XIV e agora iria surgir no mundo com objetivos de tirar o homem de uma era de trevas, ignorância e superstição (idade média), num mergulho extremamente corajoso em direção à ciência, à arte, à cultura e a todas as coisas tidas como proibidas. Era o surgimento do movimento Renascentista ou Renascimento.

No movimento de renascer das idéias do homem em suas novas concepções voltadas à coexistência harmoniosa e perfeita entre a natureza e a beleza humana, comenta em seus estudos SOARES (1999 p.15) que:

Esta renovação da consciência, da dignidade humana e do renascer da individualidade física e espiritual afirmou-se com o amor pelo corpo humano e pela sua beleza, em um conceito essencialmente clássico, derivado do helenismo, do amor pela glória imortal, pela livre crítica e pelo livre juízo, acima das leis e dos dogmas.

Clareando um pouco mais a nossa visão sobre este movimento renascentista observamos os comentários de SILVA (1986, p.226) que diz:

Nesse movimento novo e muito renovador, o reconhecimento do valor do homem era a nota dominante – era o Humanismo que surgia e se fortificava. Por meio dele, pelo menos no campo das idéias, o homem se sentiria mais livre, menos oprimido, mais valorizado, não mais um mero escravo dos poderes da Terra, nem mesmo preso à crença de que tinha que fazer o bem para merecer o céu ou simplesmente para escapar às torturas do inferno.

Também em resposta a estas fortes mudanças acontecidas, que deram origem ao movimento renascentista, não podemos desconsiderar ou deixar de mencionar os entraves nos pensamentos religiosos e o descrédito de determinados preceitos cristãos, como exemplo: a doença representava punição de uma culpa grave. Mas, sem nenhuma dúvida, temos como grande líder destas mudanças na igreja cristã, um padre beneditino conhecido por Lutero que CASTIGLIONI (1936) Apud SOARES (1999 p.14), cita:

Quando Lutero proclamou a rebelião contra a autoridade da Igreja romana e assinalou, assim, o princípio das lutas religiosas que duraram um século, iniciou-se o período histórico em que o pensamento assumiu função crítica, a observação exigiu o subsídio da experiência e a arte foi em direção ao seu mais belo desenvolvimento.

Sobre estes aspectos do declínio de uma cultura medieval e dominante durante dez séculos que agora perante a impulsos expansionistas começam a cair dando origem ao novo pensar, como podemos contemplar na citação de MORAIS (1989, p.49 e 50):

Com o Renascimento, o mundo ocidental assistiu a uma reação vigorosa ao ascetismo. Sobretudo na Europa, o homem deixava de preocupar-se principalmente com um paraíso porvindouro pensado para além da morte, voltando suas atenções para vida humana como era possível vivê-la na realidade imediata deste planeta. Uma grande curiosidade por penetrar o conhecimento das leis da vida fez com que a Europa fosse retomando o caminho dos descobrimentos científicos no ponto que os haviam deixado os gregos alexandrinos havia cerca de mil anos.

Com a mudança no mundo europeu cristão em função do fortalecimento e crescimento no movimento renascentista através dos médicos, astrólogos, poetas, escritores, arquitetos, pintores e outros, vão pondo em prática seus pensamentos outrora na penumbra do pecado, mas agora podendo ser levados ao conhecimento de todos. Fato que provoca disseminação de um conhecimento, entre as diversas áreas, um pouco mais científico, o que proporcionará influências na evolução dos estudos com a educação dos surdos.

Algumas destas mudanças ocorrem fortemente na área da medicina, abrindo questionamentos sobre seus estudos, até então, provocando uniões, rompimentos e renúncias aos recursos da medicina perante aos médicos, (SILVA, 1986 E SOARES, 1999). Estaremos vendo a seguir algumas importantes citações que refletiram estes rompimentos.

Observaremos abaixo as influências de uma área com a outra: a arte e a medicina:

(CASTIGLIONI, 1936 Apud SOARES, 1999, p.15), descreve as transformações da anatomia ligadas às transformações no campo da arte, principalmente na pintura e na escultura. Considera Leonardo da Vinci o precursor do movimento que houve na anatomia e que resultou em mudanças profundas na medicina.

Através desta citação, estaremos vendo as contestações nas divergências dos estudos da medicina:

De acordo com (SOARES, 1999, p.17), um médico de origem italiano e nome Andréa Velasio (1514-1564) citado como um dos inovadores geniosos nos estudos anatômicos, depois de estudar em vários lugares da Europa, foi para a Universidade de Pádua na Itália ensinar anatomia, onde teve acesso de forma ainda escondida aos estudos anatômicos em corpos humanos, nas mesa de dissecação de

cadáveres no subsolo da universidade, em virtude desta prática ainda ser proibida . Através da possibilidade de realizar livremente estas investigações, pode desvencilhar e questionar de forma audaciosa para época dos estudos de Galeno (131-210), um médico Grego cujos estudos anatômicos foram realizados em animais , e que a igreja considerava seus estudos anatômicos como verdades indiscutíveis , havendo punições aos médicos que ousassem discordar.

SOARES (1999, p.17) tem nosso apreço maior em virtude de suas atitudes se convergirem direto aos estudos de pessoas com deficiência auditiva e dentro da vertente médico-pedagógica, a saber:

O médico Johann Conrad Amman (1669-1724) de origem holandesa, considerado na época como uma exceção por se tratar de um médico que renunciava aos recursos da medicina e passa a se dedicar à educação puramente pedagógica dos surdos-mudos.

Com o fortalecimento do pensamento renascentista e o surgimento de uma nova forma de pensamento, teremos, nas décadas e séculos seguintes, o surgimento de novas formas ou métodos de ensinar o surdo.

Para confirmar esta colocação, me apego aos relatos citados nos estudos de (LOPES FILHO 1997, SACKS 1998, SOARES 1999 e JANNUZZI 2004), ao mencionarem outros casos de atuação na educação das pessoas deficientes auditivas, entre eles temos um citado a pouco, o de Johann Conrad Amman, médico holandês (principal expoente do movimento oralista alemão) que aperfeiçoou a técnica do uso do espelho desenvolvida por Helmont em seus estudos do desenvolvimento da língua com objetivos da aprendizagem do surdo na leitura labial; O de Jean Gaspard Itard, médico francês do Instituto Nacional do Surdo-Mudos de Paris, que se compenetra nos estudos que é no seio da sociedade que o homem se desenvolve; O de Maria Montessori que para seus estudos tem como ponto de partida o trabalho de Itard, com a educação de Víctor, um menino selvagem encontrado nos bosques de Aveyron, aperfeiçoa-os e cria uma série de materiais pedagógicos, ainda hoje utilizados.

Ao observar os reais fatos históricos, perceberemos que a vinculação ou raízes da educação do surdo com o campo médico é bem profunda, partindo desde os primórdios, ao verificar os apontamentos de JANNUZZI (2004 p33), ao citar:

A medicina vai influenciando a educação do deficiente não só pela atuação direta dos médicos como também pela dos diretores, por exemplo, o doutor Tobias Leite, diretor do INSM (Instituto nacional de surdos mudos 1878 a 1895): ou então com professores como o doutor Menezes Vieira, professor de linguagem escrita no mesmo instituto; e também pela repercussão de ensinamentos fundados na área, como os exercícios preparatórios dos órgãos articulatórios usados na educação dos deficientes auditivos.

JANNUZZI, 2004 salienta que também no século XIX iremos ter esta ligação no seio do ensino regular, bem como na produção teórica e iremos encontrar também pioneiramente os médicos, logo seguidos pelos pedagogos da rede regular de ensino fortemente influenciado pela psicologia.

Diante dos fatos até o presente momento estudado, é possível compreender a estreita relação entre o processo educacional das pessoas surdas com a medicina, bem como também é de sabedoria de todos que a instrução ou a aquisição do conhecimento que um indivíduo venha receber em seu processo de formação estará diretamente ligado ao seu contexto histórico educacional, o qual por sua vez estará ligado ao contexto histórico geral da sociedade na qual este indivíduo está inserido durante sua formação, considerando ainda a constituição das estruturas incidente no processo educacional como: os métodos de ensino, formação das pessoas (profissionais), as estruturas físicas ou locais (escolas ou instituições) dentro de uma abrangência histórica onde as modificações ocorriam e perduram até os dias de hoje . A propósito, estaremos falando a seguir sobre estes aspectos da formação educacional da pessoa deficiente auditiva.

3.2- A educação do surdo: métodos e filosofia de trabalho.

Para obtermos uma melhor compreensão sobre a formação das estruturas educacionais e de como era realizada e vem acontecendo a educação ou trabalho com surdo, faz necessário obtermos algumas informações sobre em que linhas de pensamento se constitui o trabalho com os surdos, para isto estaremos destacando as principais dentro da história da educação dos surdos; veremos a seguir: língua de sinais, oralismo, bimodalismo, comunicação total e bilingüismo.

3.2.1- A língua de sinais:

Até o presente momento podemos verificar, através de nossos estudos em decorrência da própria história da educação dos deficientes auditivos (surdos), que se faz presente à língua de sinais, sendo ela marco inicial nos trabalhos com educação dos surdos, embora os

obstáculos que lhe farão frente, terá que transpor para sua fixação como um método de trabalho.

De acordo com (SACKS 1998, SOARES 1999) foram vários fatores que dificultaram a fixação da língua de sinais, dentre eles destacaremos um dos mais importantes que foi na realização do Congresso de Milão na Itália, ocorrido no ano de 1880, cujos resultados determinaram a confinação da educação sobre a língua de sinais perante a supremacia do Oralismo como o método ideal na educação dos surdos.

Sabemos que Ponce de León e Juan Pablo Bonet foram, sem sobra de dúvidas, os que iniciaram o trabalho na educação do surdo através da língua sinais, mas e sem quer desprovê-los do merecido crédito histórico não podemos deixar de mencionar outro grande ícone do trabalho com sinais Charles Michel de l'Epee (1712-1789), onde à historicidade colocava o Abade De l'Epee (nome pelo qual era também conhecido), em confirmação a esta ilustração LOPES FILHO (1997 p.330) que descreve os seguintes fatos:

Veremos agora como se iniciou o trabalho com Sinais, onde eram utilizados como elemento prioritário da educação do surdo e como o surdo passou a ser visto como passível de humanidade e de adquirir conhecimentos se ter que falar. O mérito deste trabalho é de Charles Michel de l'Epee (1712-1789), que iniciou o seu trabalho com duas irmãs surdas e que posteriormente fundou a primeira escola pública para surdos do mundo, o Instituto Nacional para Surdos – Mudos em Paris, também conhecido como Instituto de Paris.

Contemporaneamente aos estudos realizados por (SACKS 1998, SKLIAR 1998, SOARES 1999) poderemos obter mais confirmações sobre a relevância do trabalho do Abade De l'Epee com a língua de sinais e na educação do surdo nos estudos.

Em relação ao trabalho do Abade De l'Epee, o qual vem estabelecer um novo método para língua de sinais, que o mesmo deu o nome de Sistema de Sinais Metódicos, como poderemos confirmar nos comentários LOPES FILHO (1997 p.331) que:

Constituída de um sistema baseado na língua de sinais, criando outros sinais para as palavras francesas que não eram representadas pela língua de sinais e terminações que marcavam a gramática da língua oral (que são representados na língua de sinais ou por sua característica espacial ou por outras formas).

Seu método tal relevância que, em 1776, é publicado em livro, tornando-se um clássico e escrito em muitas línguas, foi um formador de vários professores para surdos, inclusive de professores surdos (LOPES FILHO 1997, SACKS 1998).

A língua de sinais tem seu apogeu na Europa e segue espalhando-se por outros países a exemplo dos Estados Unidos da América, através de Thomas Gallaudet (1787-1851), que veremos nas ilustrações de (LOPES FILHO 1997 p.332), ao escrever na obra que:

Gallaudet não conhecia nada sobre a educação de surdo nesta ocasião e tendo tomado conhecimento do método desenvolvido por I'Épee, interessou-se e foi para a França em 1816, onde realizou um estágio no Instituto Nacional para Surdos – Mudos, começou a aprender os sinais e Sistema de Sinais Metódicos, de I'Épee. Seu instrutor foi Laurent Clerc brilhante ex-aluno (surdo) daquela escola. Clerc foi contratado por Thomas e eles retornam juntos para os EUA naquele mesmo ano.

Por este fato acima mencionado, originará a primeira escola nos EUA para surdo no ano de 1817, na cidade de Connecticut, e que anos depois, precisamente em 1864, o congresso americano autorizará o funcionamento da primeira e única, até o momento, faculdade para surdos do mundo, fundada por Edward Gallaudet, filho de Thomas Gallaudet (LOPES FILHO 1997 p.332).

Em todas as discussões sobre a língua de sinais vista até agora de Ponce de León a I'Épee e outros, não se pode ainda ter uma definição conclusiva sobre a língua de sinais, mesmo por que se tratava de uma fase inicial de trabalho, mas agora, alguns séculos após, poderemos recorrer a estudos recentes como o de QUADROS (1997 p.47), mas é imperativo mencionar que os mesmos têm sua procedência naquele período histórico, e que ilustraremos na definições a seguir:

As línguas de sinais são sistemas lingüísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivaram das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizavam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade lingüística.

Para FERNANDES (2003 p.39), em seus estudos contemporâneos aos outros ilustrados anteriormente, podemos obter a seguinte definição sobre a língua de sinais:

As línguas de Sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais das comunidades de indivíduo surdos que as utilizam. Como todas as línguas orais – auditivas, não são universais, isto é, cada comunidade lingüística tem a sua. Assim, há uma língua de sinais inglesa, uma americana, uma francesa e várias outras, em vários países, bem como a brasileira.

3.2.2- O oralismo:

Uma vez desmistificadas e comprovadas as capacidades dos surdos por Ponce de Leon, ficavam abertas as portas para a educação dos surdos. Retomando o trabalho e os estudos realizados por Ponce de León. Apresenta-se Juan Pablo Bonet (1579-1629) aproveitando-se do testemunho vivo de alguns nobres surdos (da família Velasco) educados

por León tenta reproduzir seu método, o qual lança um livro no ano de 1620 com título de “Reducción de las letras y arte de enseñar a hablar a los mudos” sobre a arte de ensinar o surdo a falar lançando mão de um alfabeto digital, da forma escrita e da Língua de Sinais para ensinar a leitura ao surdo, através de manipulação dos órgãos fonoarticulatórios. Assim se intitulou como o inventor (uma vez que Ponce de León não havia registrado ou publicado nada sobre o seu trabalho), sendo que o seu livro serviu para edificação do método oralista com base edificada em três pilares da educação oral: Pereire, nos países de língua latina, Amman, nos de língua alemã e Wallis nas ilhas Britânicas (LOPES FILHO 1997, JANNUZZI 2004 e SOARES 1999).

O oralismo vai aos poucos formando suas bases através dos estudos realizados pela área médica que obtém importantes revelações, que favoreceram sua sustentação através dos médicos: Gerolano Cardano, Johan Conrad Amman, Jean Gaspard Itard entre outros.

Muitas foram as pessoas que defenderam a supremacia do método oralista sobre a língua de sinais, entre eles temos uma personalidade de grande respeito na Europa e EUA, o Graham Bell citado por (GÓES, 1996 p.47, LOPES FILHO, 1997 p.334):

Um dos maiores expoentes para implantação do oralismo nos EUA foi Alexander Graham Bell (1.847-1.922), um ferrenho defensor do oralismo, ele era contra a língua de sinais. Para ele a língua oral era a única língua perfeita e completa e que todos os surdos poderiam aprender a falar, também era partidário da eugenia, o que pode explicar sua posição contrária à utilização da língua de sinais.

Portanto, não poderemos excluir de nossos comentários um importante acontecimento no final do século XVIII, que contribuiu e muito na fixação do método oralista como supremo e único, que foi o Congresso de Milão, o que poderemos observar nos estudos de SKACS (1998, P.40), que cita:

Quando Bell jogou todo o peso de sua imensa autoridade prestígio na defesa do ensino oral para surdos, a balança finalmente pendeu, e no célebre Congresso Internacional de Educadores de Surdos realizado em 1880 em Milão, o qual os próprios professores surdos foram excluídos da votação, o oralismo saiu vencedor e o uso da língua de sinais nas escolas foi “oficialmente abolido”.

Obteve da mesma forma um grande suporte social em função das grandes pressões exercidas pelo movimento renascentista oriundo de uma classe social a qual reivindicava mudanças sociais e igualmente tinha seus interesses particulares na educação de seus filhos surdos, com fortes objetivos para que técnicas ou métodos de ensino surgissem, entre eles o “Oralismo”, é que fica estabelecido claramente na citação de LOPES FILHO (1997, p.239), ao mencionar:

O interesse de famílias nobres, para que seus descendentes surdos pudessem ter acesso aos direitos de herança, foi um fator importante para o reconhecimento do surdo como capaz, sendo as implicações legais mais importantes do que as religiosas ou filosóficas no desenvolvimento das técnicas para a oralização do surdo. Neste momento, a força do poder econômico da nobreza teve um peso considerável como impulsionadora do oralismo que começava a se estabelecer e que se estenderia até os dias de hoje.

De forma a clarear mais nossa visão sobre o método ou linha oralista, buscamos algumas definições como a de SOARES (1999), que centraliza seus estudos na educação do surdo sobre uma ótica pedagógica, da seguinte forma:

Para (SOARES, 1999, p.01) que definiu "Oralismo" como método oral, é o processo pelo qual se pretende capacitar o surdo na compreensão e na produção de linguagem oral e que parte do princípio de que o indivíduo surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala, pode se constituir em interlocutor por meio da linguagem oral.

Contemplando os estudos de LOPES FILHO (1997 p.362), que define oralismo sendo:

O método oralista tem como pressuposto que as crianças com perda auditiva devem desenvolver a língua oral como forma comunicativa primeira. O método oral baseia-se em uma série de fundamentos para que a criança possa desenvolver a fala e a audição. Desta forma, o aprendizado da língua escrita está inteiramente baseado na oralidade. Tem sua fundamentação no: diagnóstico precoce, avaliação precisa do grau e tipo da perda auditiva, adaptação do aparelho de amplificação sonora individual adequado e o mais breve possível, imediata reeducação ao som e à fala, colaboração máxima dos pais no processo de reabilitação, conviver com crianças ouvintes, inserção em escola normal, garantindo a compreensão e colaboração dos professores.

3.2.3- Comunicação Total e Bimodalismo:

Estas abordagens serão analisadas em conjunto em virtude de suas origens serem únicas, é o que observaremos nos estudos desenvolvidos no decorrer deste item.

O que vemos nos relatos históricos apontados por LOPES FILHO (1997 p.363 e 364) é o surgimento das abordagens que ocorrem na mesma época e local, como verificaremos:

Na década de 60 nos Estados Unidos da América em face ao descontentamento com os resultados obtidos no trabalho de reabilitação dos surdos durante quase um século de educação oralista, e o aparecimento de novos conhecimentos teóricos e na realização de pesquisas voltadas em comparações de filhos surdos e de pais ouvintes e filhos surdos com pais surdos, questionavam que os surdos filhos de surdos expostos a língua de sinais desde o nascimento e colocados em escola oralista tinham seu desempenho

acadêmico melhor. Com a insatisfação surge o inicialmente como uma filosofia que incorpora as formas de comunicação auditivas, manuais e orais para assegurar uma comunicação efetiva com as pessoas surdas com o nome de Comunicação Total.

Para CICCONE (1990) reconhece a comunicação total:

Não como um método mas como uma filosofia de trabalho educacional, argumentando que seria uma visão reducionista tomá-la com mais um método. Nessa filosofia, desloca-se o enfoque da patologia e do quadro médico: o surdo passa a ser visto como uma pessoa que apresenta a marca da surdez, diferença essa que traz repercussões de ordem social e se configura como fenômeno social.

Ao recorrermos aos estudos de (CICCONE, 1990 e LOPES FILHO, 1997) poderemos obter uma definição mais conclusiva sobre a comunicação total como:

Uma filosofia educacional voltada ao surdo e que propõe a exposição da pessoa surda ao maior número de informações possível como: auditiva, oral, sinalizada, escrita, e outras. Para seu desenvolvimento global entende-se global o mesmo que lingüístico, intelectual, social, acadêmico e emocional da pessoa.

O surgimento da comunicação bimodal ou bimodalismo ocorreu em função de uma descaracterização da comunicação total, o que podemos constatar com LOPES FILHO (1997, p.364) ao mencionar:

Com o passar do tempo, pôde-se observar que a oralidade continuou sendo privilegiada pelos profissionais que intitulavam adeptos da comunicação total. O uso apenas como apoio ao desenvolvimento da oralidade descaracterizou as concepções originais desta proposta tornando-se uma técnica para facilitar o desenvolvimento da fala. Passando a denominar este trabalho de Comunicação Bimodal ou bimodalismo.

Mencionaremos os estudos de (CICCONE 1990, GOES 1996 e LOPES FILHO 1997), pelos mesmos se convergirem na caracterização do bimodalismo como uma prática que se utiliza de sinais retirados da língua de sinais e da língua oral concomitantemente, tem como estrutura de língua oral, acredita-se na utilização do aparelho auditiva, na leitura oro - facial, juntamente com o uso da fala, dos sinais e do alfabeto digital em respeito a algumas dificuldades da língua oral.

Após estas definições realizada referente às abordagens da comunicação total e bilingüismo, pode concluir que a grande contribuição feita para o processo educacional dos surdos, principalmente com a comunicação total, foi o retorno em potencial das línguas de sinais, outrora banida e proibida por uma imposição social de uma maioria lingüística que se

justificava com o “Oralismo”, assim, recuperaram um espaço de trabalho educacional, o qual haviam perdido há quase um século.

3.2.4- Bilingüismo:

Em vista aos fatos anteriormente citados, podemos constatar que através da abordagem da comunicação total se obteve um retorno considerável a línguas de sinais. Isto foi importante para o movimento dos surdos, que reivindicavam o direito de ser reconhecida a sua cultura, em contrapartida igualmente queriam o reconhecimento da língua de sinais e autenticidade para utilização em sua educação. Assim poderemos observar no estudo de LOPES FILHO (1997, p.344) que:

O movimento de reconhecimento da cultura, comunidade e identidade do surdo, além de afirmar a sua autenticidade através de trabalhos científicos, movimentos de protesto e culturais, conseguiu mobilizar alguns responsáveis por sua educação para que esta fosse reformulada. A nova proposta de trabalho recebeu o nome de Bilingüismo.

Quando SKLIAR (1999), sugere que a educação bilíngüe para surdos é algo mais do que o domínio, em algum nível, de duas línguas deve ser discutida numa dimensão de duplo caráter político, como na construção histórica, cultural e social e “político” no entendimento como as relações de poder e conhecimento que atravessam e delimitam a proposta e processo educacional. Assim onde o mesmo cita a definição apesar de considerá-la imprecisa:

A proposta de educação bilíngüe para surdos pode ser definida como uma oposição aos discursos e às práticas clínicas hegemônicas - características da educação e da escolaridade dos surdos nas últimas décadas - e como um reconhecimento político da surdez como diferença (SKLIAR, 1999, p.7).

Além de oferecer garantias do reconhecimento oficial da língua de sinais, um ambiente lingüístico e aos valores políticos (históricos, cultural, social e estruturas do processo educacional), o bilingüismo se caracteriza através de estruturas que veremos nos estudos de FERNANDES (2003, p.32) ao mencionar que:

No caso de crianças surdas, uma postura de educação com bilingüismo, admitindo a língua de sinais como primeira língua e a língua oral - auditiva como a segunda, garantia uma aquisição natural atendendo ao desenvolvimento lingüístico e cognitivo normal da criança e permitindo a aquisição, subsequente, da segunda língua, com maior facilidade, uma vez que este indivíduo já domina um instrumento de comunicação.

FERNANDES (2003, p.38), reforçando as estruturas bilinguísticas, no tocante a determinação de qual torna-se a primeira língua (L1) ou a segunda língua (L2) para o surdo, menciona:

A garantia do domínio de uma língua desde os primeiros meses de idade é fator fundamental para o desenvolvimento natural do indivíduo. Por esta razão (entre outras, de ordem sócio cultural), defendemos a aquisição da língua de sinais como primeira língua do surdo.

Em conclusão a todas estas ilustrações sobre o bilingüismo encontramos entre várias citações uma que expressa toda a importância desta abordagem no processo educacional e social do surdo em sua história, a saber:

O sistema social, que a escola Bilingüe oferece à criança surda, lhe fornece uma possibilidade de se ver a partir da “semelhança de” e não da “impossibilidade de ser”. A linguagem, através de um acesso pleno, e a socialização são elementos importantes para esta formação inicial de identidade seja possível, e elas devem estar acessíveis à criança, para que ela tenha instrumentos para mais tarde adaptar-se a um mundo, que com certeza, não será tolerante com seu estigma GOFFMAN (1988) Apud LOPES FILHO (1997, p.345 e 346).

É importante estabelecer que práticas orahstas, de comunicação total e de educação bilingüe compartilham hoje, conscientemente, muitos dos discursos e das propostas escolares.

Mas temos que considerar as influências de uma prática sobre a outra a exemplo mencionamos as palavras de GÓES (1997, p.42) “...a ideologia do oralismo se manteve em muitos casos intactos, como correspondendo ao fragmento da modalidade oral e impondo a sua modalidade nas propostas bilingüe...”. Além disso, observando a dificuldade na utilização da língua de sinais, por parte de professores ouvintes, o que gerou necessariamente, uma produção bimodal sistemática na comunicação e na didática escolar.

Buscamos em nossas reflexões após ter trilhado os caminhos da leitura e discussões, questionamentos em cima desses conhecimentos que se constituem em informações na forma de alimento que vão nutrindo o vício da curiosidade sobre saber incorporando aos conhecimentos já existentes e que nos levam a reflexões de amplitude maior que no início, sobre estas idéias estruturadas em métodos, filosofias, técnicas e outras que se arrastam pela história da educação dos surdos desde séculos e séculos atrás como observamos no decorrer de nossas pesquisas e estudos desenvolvidos neste capítulo, atravessando várias fases diferenciadas que nós não poderemos cometer o equívoco de entendê-las como simples fases

que se constituem numa linearidade sequencial em que as concepções antigas são espontaneamente substituídas pelas novas concepções.

É independentemente com as criações de métodos, técnicas, filosofias ou quer possa ser nomeado a frente da história, tenha seus objetivos bem definidos e que busque de uma singularidade na educação do surdo respeitando sua individualidade mesmo que no contexto social amplo.

Capítulo –IV

A EDUCAÇÃO FÍSICA PARA SURDOS SUAS PRIMEIRAS INICIATIVAS

(...) Para aquele que ouve, a surdez representa uma pedra de comunicação, a exclusão a partir de seu mundo. Em termos cosmológicos, é uma marca de desaprovação. Ela é a Alteridade, um estigma para se ter pena, e por isso, exilada as margens do conhecimento social. Seu "silêncio" representa banimento ou, na melhor das hipóteses, solidão e isolamento. A atividade missionária e o auxílio caridoso são encorajados como as respostas moralmente legítimas.

(WRIGLEY, 1995 APUD SKLIAR, 1998, p.16)

4.1- A educação física e suas heranças históricas:

O homem no decorrer de sua história e seu processo de evolução obtinha várias formas de atividade física, as quais poderíamos considerar em uma ótica mais ampla, como educação física, surgindo em vários momentos, em maior ou menor grau, com maior ou menor institucionalização. Assim podemos concomitantemente aos dois períodos da institucionalização da educação dos surdos e educação física traçarmos relações. É o que podemos verificar nas elucidações de BETTI (1991, p.34) ao mencionar os seguintes fatos:

Desconsiderando-se a antiguidade Grega, foi nas últimas décadas do século XVIII, e em especial durante o século XIX que a educação física experimentou um decisivo impulso no sentido de sua sistematização e institucionalização como uma forma de educação no mundo ocidental. O epicentro deste desenvolvimento foi a Europa onde ocorreram, no continente, os sistemas ginásticos, e na Inglaterra o movimento esportivo, e daí se espalhou por todo o mundo.

Perante a estas ligações existentes entre os processos que constituíram a educação física aos da educação para pessoas de deficiência em nosso caso direcionando especificamente aos surdos poderemos observar que coincidem os momentos históricos dentre os quais passavam por grandes mudanças políticas, economias e sociais, e com elas relaciona. Sofrendo também grande influência do novo pensamento pedagógico do século XVIII, com o advento dos chamados educadores naturalistas e filantrópicos, BETTI (1991).

Assim observamos que a primeira situação voltada a um sistematização e institucionalização da educação física veio com o surgimento dos sistemas ginásticos e o esportivo ocorrido na Europa a partir do século XVIII.

4.1.1 – Os sistemas ginásticos europeus:

Em virtude das transformações em que o continente europeu passava em funções das revoluções a exemplo a Francesa (1789) que derrubou o absolutismo e implantando a república o qual semeou revoltas em toda a Europa provocando, o envolvimento de todo o continente nas guerras napoleônicas entre 1803 e 1815, também provocou grandes modificações na educação européia, surge então necessidades de elaboração de sistemas como veremos na afirmação de BETTI (1991, p.35) ao citar:

A história da elaboração e institucionalização dos chamados “sistemas ginásticos” confunde-se com a própria história do nacionalismo europeu e do militarismo sempre presente nos séculos XVIII e XIX Originário da Alemanha, Dinamarca, Suécia, e França, vinculavam-se aos processos da afirmação da nacionalidade nestes países e à constante preocupação de preparação para guerra.

4.1.2- O sistema esportivo Inglês:

Com a incidência das revoluções inglesas no século XVII dando à Inglaterra um regime parlamentarista e livrando-a das agitações e perturbações que ocorriam no continente, favoreceram ao crescimento comercial no país, originando no ano de 1760 a revolução industrial onde foi sede, fator este que provocaria transformações sociais perante, ao homem em relação ao seu trabalho em afirmação a estes fatos reportamos a citação de BETTI(1991):

A educação física inglesa do século XIX não foi muito influenciada pela filosofia nacionalista, tendo um desenvolvimento diferenciado

em relação ao restante da Europa. A disciplina e o treinamento físico impostos ao povo nos países continentais, visando a defesa nacional, não se fizeram necessários na Inglaterra, pois sua posição geográfica isolada e sua poderosa marinha livraram-na de invasões estrangeiras. Por isso, sua maior contribuição não foi na ginástica, mas no esporte.

A estes fatos e outros decorrentes podemos atribuir a Inglaterra como a pioneira divulgar o esporte entre a população industrial e urbana, tornando assim o esporte acessível as classes trabalhadoras inglesas, o que outrora o modelo esportivo era predominante a classe média, a estes fatos deve-se a criação e proliferação de vários clubes desportivos, também foi a pioneira em aceitar o esporte como um meio de educação.

“Gradualmente, o esporte institucionalizou em quase todos os países do mundo, e também os programas de educação física em todo o mundo passaram a aceita-lo e adota-lo” BETTI (1991).

4.1.3 – A educação física no Brasil e suas raízes:

“Quando os primeiros navegantes portugueses aqui chegaram, a partir de 1500, traziam ainda impressos na carne as marcas da crise medieval que assolava a Europa, centro das transformações sociais, e que delineou, de forma ampla, os rumos tomados por praticamente todos os outros continentes, em especial no que se refere às suas origens coloniais”.

MEDINA (1991, p. 31)

A sociedade brasileira que tinha como núcleo em sua formação uma sociedade aristocrática dominante e de origem da Europa continental desde do período de sua colonização início do século XV, consigo arrasta as idéias de uma educação física baseada nos mesmos preceitos do “sistema ginástico” ao concentrarmos nos estudos de OLIVEIRA (1994, p.19) veremos indícios desta presença:

A educação física, então denominada como ginástica, foi incorporada aos currículos, inclusive no colégio secundário criado em 1837 como padrão para o ensino médio brasileiro adestramento físico e a disciplina do corpo produzido do corpo faziam parte de uma política higienista (técnicas desenvolvidas pelos médicos higienista com fins de controle social tudo em nome da saúde em busca de um físico perfeito), que procurava alterar o corpo produzido por três séculos de colonização.

Atrelado a esta citação verificamos em uma pesquisa muito recente de SILVA (2005, p. 17) quando em seus estudos menciona a influência na educação física de três fortes tendências como: higienista, militarista e tecnicista.

Outra constatação destes princípios vemos em citação a Rui Barbosa médico contemporâneo ao higiênismo, segundo LABORINHA (1991) Apud SILVA (2005, p.17):

É possível encontrar, por exemplo, no discurso de Rui Barbosa a influência positivista de Comte, quando esse brasileiro utilizando-se dos estudos de Littré defende a presença da ginástica, afirmando que qualquer doutrina que não cuidasse do desenvolvimento corpóreo seria criminosa e que através da biologia isso prova-se eficaz no equilíbrio do ente humano.

Compactuando do mesmo ponto de vista referente à história da educação física os estudos de CASTELLANI FILHO (1991, p.34) nos remete a momentos como:

A criação da escola militar pela carta régia de 04 de dezembro de 1810, com o nome de academia real militar, dois anos após a chegada da família real ao Brasil, a introdução da ginástica Alemã, no ano de 1860, através da nomeação do alferes do Estado maior de segunda classe, Pedro Guilhermino Meyer, alemão, para a função de contra-mestre de ginástica da escola militar.

Para CASTELLANI FILHO (1991), também menciona que além da influência sofrida pela educação física desde o Brasil império, as instituições militares, as das categorias profissional médicos, visando uma análise de forma linear histórica na compreensão em seu todo, interpretar a conotação dada pela Educação física: à esteriotipação do comportamento masculino e feminino em nossa sociedade, a concretização de uma identidade moral e cívica brasileira, a dos princípios de segurança nacional, tanto alusivo à temática da Eugênia da raça e o adestramento físico num primeiro momento para defesa da pátria e segundo assegurar o processo de industrialização no país, mão-de-obra fisicamente adestrada e capacitada.

Através destes fatos da história que se fortalece as bases da educação física e vão suprimindo a ação pedagógica submetendo-se aos preceitos militares, médicos e outros. Pensando sobre nestes fatos abrimos momentos de reflexão sobre as dúvidas que neste momento pairam em nossos pensamentos de como seria a educação física para as pessoas deficientes auditivas se no Brasil e mundo se estes conceitos determinavam uma perfeição da raça como poderia convier junto às pessoas que portavam alguma “imperfeição física”.

4.2- As primeiras iniciativas a educação física para surdos:

Em todo o nosso percurso histórico sobre a educação do surdo ou as primeiras iniciativas voltadas ao seu cuidado, nos remeta ao fim do século XIV início do XV, sendo que os processos de institucionalização da educação efetiva posteriormente no século XVIII o que também se relaciona ao mesmo período em a educação física despontava seus interesses sociais.

Da mesma forma que os deficientes auditivos foram uns dos pioneiros em obter uma instrução ou direito à educação, o mesmo ocorre na educação física, aponta WINNICK (1990) Apud ARAÚJO (1998, p.19):

A bibliografia existente aponta que, os atletas surdos estão entre as primeiras pessoas portadoras de deficiências, que apresentam na cena esportiva. Já no século XIX ocorreram atividades esportivas para surdos. Por volta de 1870, as escolas do Estado de Ohio, EUA, tornaram-se as primeiras a oferecer beisebol para surdos, e o Estado de Illinois introduziu o futebol, em 1885.

De acordo com WINNICK (1990) Apud ARAÚJO (1998, p.19), relata também que:

No final do século XIX, o futebol tornou-se esporte majoritário para muitas escolas de surdos e, em 1906, a escola de Wisconsin para surdos passou a oferecer basquetebol. Desde seu início, as equipes das escolas para surdos competiam entre si e com outras escolas regulares. A competição internacional formal foi estabelecida em 1924. Nesse ano, competidores de nove nações encontraram-se em Paris, para a primeira competição internacional, denominada "Jogos do Silêncio".

Em 1945, a Associação Atlética Americana para Surdos (AAAD), foi criada para providenciar, sancionar e promover competições esportivas para surdos, WINNICK (1990) Apud ARAÚJO (1998).

O que podemos observar nestas citações é que os surdos tiveram suas primeiras atividades físicas voltadas a uma educação física ligada ao esporte, levando-se em conta que elas ocorrem nos EUA, país onde a educação dos surdos tem um desenvolvimento notável e podendo presumir que em virtude da sua colonização que teve como origem o país Inglaterra que na sua história da educação física teve como formação o sistema esportivo, é o constatamos no capítulo anterior.

Então podemos concluir que as primeiras iniciativas de educação física perante a população surda ocorreram através da prática de esportes ou atividades adaptadas, de acordo

com ARAÚJO (1998, p.18) que entende por atividade adaptada como a busca de adequações de meios para se executar um tarefa diante da ausência ou da impossibilidade de se usarem os meios convencionais. Para WINNICK (1990) Apud ARAUJO (1989, p.18) que define desporto adaptado como sendo:

Experiências esportivas modificadas ou especialmente designadas para suprir as necessidades especiais de indivíduos. O âmbito do esporte adaptado inclui a integração de pessoas portadoras de deficiência com pessoas "normais", e lugares nos quais se incluem apenas pessoas com condições de deficiência.

4.3- O professor de educação física e suas relações na educação do surdo:

A construção de uma relação entre o professor de educação física e a educação do surdo tem sido o principal objetivo de nosso estudo o qual até este momento nos remeteu a uma viagem de volta no tempo em busca das origens mais remota da vida humana no tocante as pessoas com deficiências de forma geral e em específico aos surdos. Para agora fazermos uma análise intrínseca aos nossos caminhos percorridos dentro história em trilhas que nos trouxeram-nos até aqui.

4.3.1- A formação profissional na educação física e seus desencontros na educação do surdo:

Vimos anteriormente que os fatos históricos que deram o surgimento à educação física se entrelaça a situações, sócios – políticas e de outra natureza, que fazia de uso como um poderoso instrumento ideológico e de manipulação das pessoas tomando-as alienadas e impotentes diante da necessidade de verdadeiras transformações sociais, do que os reais propósitos de uma educação física. O que não deixou de refletir na formação profissional de educação física e na constituição das primeiras escolas do Brasil, como verificaremos através de CASTELLANI FILHO (1991, p.34) ao mencionar:

A fundação, pela missão militar francesa, no ano de 1907, daquilo que foi o embrião da Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo, o mais antigo estabelecimento especializado de todo o país. A portaria do Ministério da Guerra, de 10 de janeiro de 1922, criando o Centro Militar de Educação Física, que funcionaria mais tarde com o curso de educação física.

Tendo origens as escolas de educação física do Brasil do militarismo CASTELLANI FILHO (1991, p.34) menciona o fato que: "... a marcante a presença dos militares na formação dos primeiros professores civis de educação física...".

Grandes foram às influências sofridas na formação profissional do professor de educação física, recordando, mencionamos algumas como: a higienista, eugênica ... As quais iriam repercutir nas primeiras formações e algumas delas até os dias atuais, a que julgar na educação física para os portadores de deficiências "alunos surdos". A educação física com seus princípios da época centrados no educar o físico, buscava-se uma perfeição humana tanto física quanto mental, o que não livraria de uma educação física direcionada a estes conceitos onde seu trabalho incorreria com indivíduos nas condições físicas e mentais perfeitas.

A este fato podemos atribuir que na própria formação profissional obtém-se possíveis falhas que ocasiona um desinteresse do trabalho na área da educação física adaptada, o que concluímos ser consequência. Veremos agora algumas constatações que comprovam a situação através das pesquisas de SILVA (2005, p 138), ao referir-se a professores docentes em universidades percebe em seu estudo:

Uma questão ao final da pesquisa lhe chamou atenção. A de que a maioria dos professores entrevistados não tiveram em sua formação inicial nenhuma disciplina que abordasse conteúdos em relação à pessoas em condições de deficiência, alguns posteriormente buscando compensação em cursos de pós-graduação.

SILVA (2005, p.137 e 138), em seu estudo nos leva a algumas idéias da formação profissional do docente universitário a saber:

As questões que envolvem a formação profissional ao nível universitário e a inclusão de disciplinas referentes à pessoas em condições de deficiências, têm a ver a forma construída ao longo dos anos pela sociedade para o atendimento dessas, é a ação do professor que atribui identidade e direcionamento à disciplina de Educação Física Adaptada. Essa ação constrói-se em aspectos influenciadores, tais como: o histórico, o político e o social.

Fico aqui com uma reflexão sobre esse profissional de educação física em sua formação, as vezes assumindo um culpa de estruturas que o formam e condenado-se cala ao social, muitas vezes assusta-se com o diferente e sem ferramentas para enfrentar este novo trabalho bate em retirada ao êxodo migratório para outras áreas da educação física .

4.3.2- A educação física a caminho da educação do surdo:

“O homem é um ser por se fazer. Um ser incompleto, inacabado, e que só é viável através de suas relações com os outros seres e com o mundo”.

MEDINA (1992, p.47)

Até o momento o que podemos visualizar sobre a educação do surdo através dos estudos realizados, é podemos quantificar este trabalho são os fatos que nos mostrou a sua história, quando deparamos hoje com um surdo em nosso meio de ouvintes (termo usado para as pessoas sem problemas auditivos), o primeiro obstáculo em nossa relação sem dúvida é a comunicação, e assim vimos que o homem em momentos da história buscou esta interação social através de métodos, filosofias, técnicas com a intenção de que o surdo comunica-se, através da fala, gestos ou sinais, da escrita ou desenhos enfim dependeria muito das forças sociais do momento. Sugiram assim como já vimos em estudos anteriores as formas de educação do surdo: língua de sinais, oralismo, bimodalismo, comunicação total e bilingüismo o que nos demonstrou em seus estudos LOPES FILHO (1997),

Mas em nenhum momento da história se reporta a forma correta ou ideal para a educação física do surdo, o que podemos ver foi que dentro das deficiências foram os pioneiros na prática como vimos nos estudos de ARAUJO (1998).

O que podemos afirmar é a necessidade e importância da atuação do professor de educação física com os surdos é só nos reportarmos aos exemplos de pessoas que com ou sem conhecimentos puderam desenvolver trabalhos memoráveis além dos já mencionados neste estudo daremos outro exemplo o de uma professora chamada Anne Sullivan a qual através de toques com sua mão pode ensinar uma nova vida a sua aluna Helen Keller (1880 -1968), a qual era cega e surda, onde posteriormente aos ensinamentos vira atingir um nível notável de cultura MECACCI (1987).

4.3.3- A educação física instrumento facilitador na interação do surdo:

“Um indivíduo não se comunica, ele toma parte numa comunicação ou torna-se um elemento dela... ele não é o autor da comunicação”. Em outras palavras, a comunicação implica a integração do indivíduo numa estrutura ou num contexto relacionai, aquele que dá sentido à interação presente. Esta interação no mundo da comunicação torna necessária a presença do outro, pois é o outro que possibilita ao indivíduo reconhecer-se, logo, ajustar-se a sua pessoa e o seu discurso, ao contexto que constitui a realidade do momento.

PIERRE VAYER (1989 p.59)

Sabemos que a comunicação é uma necessidade fundamental do ser através dela o homem se interage e desenvolve, e que nos meios sociais se dá ênfase a comunicação através a linguagem falada ou escrita, em todo o processo de desenvolvimento social do homem estas duas foram majoritárias, ocasionando assim uma utilização menos freqüente a comunicação do corpo/corporal obtida através das expressões corporais como gestos com as mãos braços, mímicas, expressões faciais, sinais padronizados com as mãos a esta possibilidade de comunicarmos de outra forma nos leva a reportarmos aos estudos de BRUHNS (1993, p.57) ao mencionar:

... A expressão corporal tem como estatuto o jogo de imitação. Seria a invocação do corpo pela escassez de linguagem verbal. Mas esta última implica igualmente uma linguagem corporal escassa, tornando-se o gesto como expressão da palavra elaborada da linguagem. Mesmo na expressão (linguagem) corporal, a palavra pode surgir no momento do desenvolvimento do movimento como “fala encarnada”.

Através destas colocações notamos a existência de uma linguagem corporal da qual se aproxima mais a realidade da educação dos surdos, pois como vimos dentro das variadas formas de comunicação com surdos se encontra na língua de sinais uma língua constituída de movimento e expressões com o corpo ou parte dele, assim podemos ver a interação do homem através seu corpo, isto nos leva aos pensamentos de TAVARES (2003, p.23), ao mencionar que “... percebemos o mundo e nós mesmo com nosso corpo, nossa ação no mundo se reflete em nós pela consequência de nosso ato de agir que provoca em nós novas percepções e também pelas transformações que provocamos no mundo...”.

Estas podem ser possíveis ferramentas de atuação, que o profissional de educação física poderá utilizar em sua comunicação com os surdos à língua de sinais, gestual, expressiva e com isto facilitando sua integração ao aluno surdo e ele aos outros. Utilizando

como um recurso importante em seu trabalho com alunos deficientes, de forma a sentir-se capaz, contrariando comenta em seus estudos MANTOAN (2003, p.21), “Os professores de ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças nas salas de aula especialmente atender alunos com deficiência...”.

No mesmo veio de comunicação deparamos com VYGOTSKY (1993) que menciona que o importante era preservar o direito da criança surda ao desenvolvimento, através de sua inserção em experiências condizentes com a heterogeneidade dos processos humanos. Com isto Vygotsky argumentava para não segregar. o que estava na concepção da heterogeneidade, isto é, o trabalho com os surdos deveriam acontecer juntos aos demais ouvintes.

VYGOTSKY (1995) Apud SILVA (2002, p.36) destaca que:

A necessidade de atenção às contingências culturais e, no caso das crianças deficientes, às formas pelas quais são construídas suas relações com o mundo. Para ele, o desenvolvimento de uma criança normal e de uma criança deficiente segue as mesmas leis gerais, a diferença encontra-se as peculiaridades do desenvolvimento de cada um, determinando formas singulares de interlocução com os outros e de intervenção no mundo.

Relacionando este pensamento de Vygotsky, com a comunicação corporal em suas várias formas de se apresentar nos surdos a língua de sinais ou gestual, expressiva e a corporal certamente venha ser um facilitador na interação dos surdos com os ouvintes bem como no processo de ensino e aprendizagem da educação física.

Vem igualmente contribuindo a estes pensamentos as pesquisas realizadas por ZANANDREA (2000, p.03) onde podemos notar quando diz:

A identidade surda é constituída por signos como: a história, a questão lingüística da estrutura da língua de sinais, a necessidade de comunicação visual, o sinalizar das mãos, a arte, a educação, entre outros componentes que se constituem nos meios simbólicos de sua produção social.

Para MANTOAN, (1997, p.82) em seus estudos sobre a integração de pessoas com deficiência alega que “... a integração na escola é a fórmula saudável de construir base para o processo de normalização daqueles que nasceram com alguma diferença significativa, razão por que lhes era negada a convivência com as demais crianças...”.

No entanto o papel da educação física em suas aulas, para os alunos surdos torna-se cada mais relevante e de suma importância, fundamental na contribuição do seu desenvolvimento pleno como pessoa, na formação de uma consciência crítica, com conceitos de cidadania, criando um desenvolvimento da sua consciência corporal, podendo descobrir e integrar-se ao mundo exterior.

Capítulo - V

“... A história é reescrita quando emergem perspectivas novas que nos permitem perceber o significado de certos acontecimentos do passado, que havia escapado à atenção dos contemporâneos. Estes acontecimentos inserem-se nos modelos de continuidade, incluindo os conhecimentos que constituíam o futuro para os que viviam no passado (...). Do mesmo modo, os nossos descendentes compreenderão melhor o nosso século do que nós porque serão capazes de ver as consequências de acontecimentos que ignoramos atualmente, e que constituem as premissas de tendências importantes que darão os seus frutos quando já não existirmos...”

SIDNEY HOOK , APUD CASTELLANI FILHO (1991, p.22)

Considerações finais

O presente estudo demonstrou-nos de forma memorial a história em seus processos sociais – políticos perante a constituição da educação dos deficientes auditivos (surdos), o que nos inferiu a uma ótica ampliada sobre a construção destes processos educacionais. Assim, possibilitando reflexões sobre as concepções filosóficas, metodológicas e teóricas, passando pelo centro das estruturas educacionais.

Estas reflexões inferem no construir humano durante todo o processo educacional a partir de vermos a necessidade humana em adquirir conhecimento básico obtido em informações que, com o avanço da ciência, tornou-se possível ao homem, para a compreensão melhor dos fatos referente ao seu próprio corpo com início no conhecimento anatômico evoluindo para o técnico, podendo a educação física apropriar-se desta sabedoria educacional.

Em função do desenvolvimento de novos saberes, que a educação compartilha dentro de suas estruturas MANTOAN (2003, p.16) cita:

As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e nós mesmos.

Através do desenvolvimento destes conhecimentos e associando a outros pré-concebidos, busca-se, de forma a compreender as causas da deficiência auditiva, os caminhos por ela percorridos, em análises dos momentos históricos, da deficiência em geral até centralizarmos a auditiva, onde através de sua própria história veremos a incidência do surgimento de mecanismos educacionais que paralelamente à educação como um todo apropriou-se e evoluiu, mas regrado aos conceitos educacionais dominantes, que não os seus.

Vale-nos uma reflexão sobre o surgimento da educação do surdo e suas formas de pensamento, como o surdo deveria se comportar perante a esta educação, que na maioria das vezes, por que não dizer em sua totalidade, representava os interesses educacionais de uma classe social majoritária em função de seus interesses sociais, políticos e econômicos.

Fazia o surdo se educar, um educar sobre a iluminação dos direitos humanos sobrepõem de forma lenta, contínua e tolerante, as estruturas educacionais que se constituíam em métodos, filosofias, abordagens os quais montavam bases em um repertório teórico da educação geral.

No entanto, atribui-se a educação de forma geral (a todas as deficiências) pressupostos de que, como na educação física se prosseguia, as tentativas do ensino e aprendizagem do deficiente auditivo de forma comum, podendo ser reflexos do próprio fator histórico que incide na formação profissional de educação física e da própria educação. Mas são destas iniciativas que no empirismo rústico vão sendo produzidas ferramentas que servirão para o trabalho com educação física para surdos.

A amostra de algumas destas ferramentas está na utilização de uma linguagem não formal, para sobrepor as barreiras da comunicação com o surdo, onde se constrói uma fortificada muralha, provocando limitações para a aprendizagem dos conteúdos da educação de forma geral em específico a educação física para surdos. Pois as relações humanas se entrelaçam ao cotidiano da comunicação dos indivíduos com o surdo, aparecendo novas formas de expressar-se perante o outro. Entre elas está a linguagem corporal ou do corpo, a exemplo: ao observarmos um surdo se comunicar através da língua de sinais, podemos notar a riqueza de movimento que seu corpo emprega para realizar os gestos (sinais) com as mãos, as expressões de seu rosto, em fim, uma linguagem que não só concentra na linguagem com os sinais, mas sim com o corpo. No que torna fundamental a participação destes alunos em

propostas educativas através das aulas de educação física, onde, por intermédio de uma pedagogia do movimento, busque o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, é o que podemos verificar nas afirmações de PÍCOLO Apud DE MARCO (1995, p.115) que:

Oportunizar a exploração de variações de movimento dos nossos alunos é um dos caminhos que temos para aprimorar a sua motricidade; é educar os seus movimentos corporais, aumentando o vocabulário motor, os seus gestos, as suas expressões.

Talvez esta linguagem apareça em outras situações, como na educação física, e em atividades esportivas, como o futebol, por exemplo, esporte puramente brasileiro, mas que, nas últimas décadas, tem exportado muitos jogadores brasileiros para outros países, com costumes muito diferentes do Brasil e línguas também, mas como se explica em equipes Japonesas, Russas, Turcas e de outras nações, onde brasileiros continuam sendo profissionais deste esporte. Será que é a magia do futebol...? Que contagia multidões...! Ou a ginga do brasileiro que dribla tudo e todos a sua frente...? Não...! É a linguagem do esporte, a linguagem do corpo do homem que pratica este esporte. Esporte que em seus movimentos de pernas, braços, cabeças e outras partes do corpo parado ou em movimento, é no chutar, no cabecear, no saltar para agarrar a bola e muito mais, cria-se este esporte futebol.

FREIRE (2002, p.16) em seu texto “A energia do jogo” cita:

... Recordei que, durante o jogo final da Copa do Mundo de Futebol, em 1994, entre as seleções do Brasil e da Itália, bilhões de pessoas assistiram, pela TV, ao encontro entre aqueles que eram os melhores jogadores do mundo. Essas pessoas eram de comunidades que falavam russo, italiano, português, inglês, alemão, chinês, todas as línguas e, no entanto, ali, pela televisão, vinte e dois jogadores falavam a todas elas numa linguagem muda, porém, universal...

É com esta ferramenta do corpo e seus movimentos, esta linguagem corporal ou muda como definiu Freire, que se torna universal aos surdos e ouvintes e a qualquer um, que se comunica sem muralhas impostas muitas vezes por uma língua não universal. Torne menores as barreiras para educação do aluno surdo, e que, através da educação física, possa tornar ainda mais transponíveis estas muralhas da comunicação, a qualquer pessoa deficiente ou não, que venha ter a oportunidade de participar de uma aula de educação física.

Assim, ao reescrevermos parte de nossa história neste estudo, possamos permitir novas perspectivas e que nossas falhas contemporâneas neste estudo possam servir de modelos para outros no futuro, buscando também fazer abstrações através dos relatos sobre minha experiência vivenciada até o presente momento com alunos surdos, expressa neste estudo no apêndice.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, R. C. et al. Jogos, esportes e exercícios para deficiente. São Paulo: Manole, 1985.

ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Desporto adaptado no Brasil: Origem, institucionalização e atualidade, Brasília, DF: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.

_____. A educação física para pessoas portadoras de deficiências nas instituições especializadas de Campinas. Campinas, SP: Unicamp, 1999.

BETTI, Mauro. Educação física e sociedade. São Paulo: Movimento, 1991.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Diretrizes Básicas para a Ação do Centro Nacional de Educação Especial. Rio de Janeiro: CENESP, 1974.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. Deficiência Auditiva /V-L Brasília, DF: SEESP, 1997.

_____. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica – Secretaria da Educação Especial. MEC; SEESP, 2001.

BRUHNS, Heloisa Turini. O corpo parceiro e o corpo adversário. Campinas, SP: Papirus, 1993.

_____. Conversando sobre o corpo. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação física no Brasil: a história que não se conta. Campinas, SP: Papirus, 1991.

CICCONE, M. Comunicação Total. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.

CORRER, Rinaldo, Deficiência e Inclusão Social: construindo uma nova comunidade. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DAÓLIO, Jocimar, Da cultura do Corpo. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DE MARCO, Ademir, Pensando a educação motora. Campinas, SP: Papirus, 1995.

FERNANDES, Eulália, Linguagem e surdez. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.

FERREIRA, Júlio R., A exclusão da diferença: A Educação do portador de deficiência. Piracicaba, SP: Unimep, 1993.

GÓES, Maria Cecília R. de, Linguagem, surdez e educação. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

JANNUZZI, Gilberta S.de M., A educação do deficiente no Brasil: dos princípios ao início do século XXI. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FREIRE, João Batista, Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. São Paulo, SP: Scipione, 1994.

_____. O jogo: entre o riso e o choro. Campinas, SP: Autores Associados. 2002.

KIRK, Samuel A , Educação da Criança Excepcional. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida, Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo, SP: Cortez, 1999.

LOPES FILHO, Otacilio de C., Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo, SP: Roca, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa E., A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo, SP: Memnon: Editora SENAC, 1997.

_____. **Inclusão Escolar: o que é? Por que? Como fazer. São Paulo, SP: Moderna, 2003.**

MAZZOTTA, Marcos José S. Educação Especial no Brasil: Histórias e Políticas Públicas. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

MECACCI, Luciano. Conhecendo o cérebro. São Paulo: Nobel, 1987.

MEDINA, João Paulo Subirá. O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo. Campinas, SP: Papirus, 1991.

_____. **A Educação física cuida do corpo... e “mente”.Campinas, SP: Papirus, 1992.**

MITTLER, Peter, Educação Inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre, RS: Artemed, 2003.

MORAIS, Regis de. Cultura brasileira e educação. Campinas SP: Papirus, 1989.

OLIVEIRA, J., Código Civil. São Paulo, SP: Saraiva, 1989.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Consenso e Conflito da educação física brasileira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

QUADROS, Ronice M.de, Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

RIBAS, João B. C. O Que são pessoas deficientes. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

RODRIGUES, José Luiz. Educação Física no contexto interdisciplinar e a pessoa portadora de deficiência. Piracicaba, SP, 1991 – Dissertação (Mestre em Educação Física) Universidade Metodista de Piracicaba.

RODRIGUES, David . A caminho de uma educação inclusiva: uma agenda possível, Ver. Inclusão, 1(1), p1-12. 2000.

_____. “A educação e a diferença” In David Rodrigues (Org.) Porto Editora, Porto. 2001.

ROSADAS, Sidney de C. Atividade Física Adaptada e Jogos Esportivos pa Deficientes – Eu Posso. Vocês Duvidam?. São Paulo, SP: Ateneu, 1989.

_____. Sucesso de Pessoas Portadoras de Deficiência Através da Prática Esportiva: Um estudo de caso. Campinas, SP: 2000 -Dissertação (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física Universidade Estadual de Campinas.

SACKS, Oliver W. Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. A construção de sentidos na escrita do aluno surdo. São Paulo, SP: Plexus, 2001.

SILVA, Daniele Nunes Henrique. Como brincam as crianças surdas. São Paulo SP: Plexus, 2002.

SILVA, Otto Marques da. A Epopéia Ignorada - A Pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e Hoje. São Paulo, SP: CEDAS, 1986.

SILVA, Rita de Fátima da. A ação do professor de ensino superior na educação física adaptada: construção mediada pelos aspectos dos contextos históricos, políticos e

sociais. Campinas SP: [s.n], 2004 (Dissertação de mestre em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas SP.

SILVA, Shirley e Marli Vizim. Educação especial: múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas, SP: Mercado das Letras, ALB, 2001.

SKLIAR, Carlos. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, RS: Medição, 1998.

_____. Atualidade da educação bilíngüe para surdos. Porto Alegre, RS: Medição, V. I, 1999.

SOARES, M. A. L. A educação do Surdo no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

TAVARES, Maria da Consolação G.C.F. Abordagem de pesquisa em atividade física adaptada. Campinas, SP: CODESP, 2000 .

_____. Imagem Corporal: conceito e desenvolvimento. Barueri, SP: Manole, 2003.

THOMAS, Jerry R.e Jack K. Nelson. Métodos de pesquisa em atividade física. Porto Alegre, RS: Artemed, 2002.

TRALDI, Maria Cristina. Monografia passo a passo. Campinas, S.P: Alíea, 2.004.

VAYER, Pierre e Charles Roncin. Integração da criança deficiente na classe. São Paulo, S.P: Manole, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Pensamento e Linguagem. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998 a.

_____. A formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998 b.

_____. The fundamentals of defectology- abnormal psychology and leaning disabilities. The collected Works of L.S. Wygotsky- volume2, Nova York: Plenum Press, 1993.

ZANANDREA, Miriam de F. A. Competência Interpessoal: Um Estudo da Comunicação da Criança Ouvinte Descortinando o Mundo da Criança Surda na Perspectiva da atividade Motora. Caxias do Sul, RS: 2000 – Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Universidade de Caxias do Sul.

APENDICE

Relatos de experiência no trabalho com educação física para alunos surdos na rede regular de ensino municipal.

Sobre sensibilidades e expressões

O que vejo, o que toco, o que ouço, saboreio ou cheiro, são as coisas que entram em mim. E eu as devolvo para o mundo quando me expresso. Mas eu as devolvo transformadas. Ver é uma atitude de receber, receber o mundo, e é também uma atitude de dar. É pelo meu olhar que o mundo chega Amim, mas também tenho um olhar que penetra o mundo. Num momento, olho para receber, noutro, para dar. Expresso-me também quando ouço, quando corro, quando sento, chuto uma bola ou danço. Também me expresso quando fico imóvel, quieto, quando nada faço; posso expressar meu não-fazer.

FREIRE Apud DE MARCO (1994, p.39)

Após este estudo sinto a necessidade relatar de forma simplificada algumas de minhas experiências com pessoas deficientes, principalmente, com os deficientes auditivos ou surdos, onde é maior o meu conhecimento prático, e por achar de muita importância, uma vez que nosso estudo se tratou dos deficientes auditivos, os surdos. E espero que estes relatos possam constituir elementos que venham de forma positiva influenciar a ação do professor de educação física.

Procurarei agora relatar algumas dessas minhas experiências profissionais na área de Educação Física adaptada para alunos surdos, ocorridos na rede de ensino do município de Bragança Paulista, estado de São Paulo.

Ao iniciar o trabalho no ano de 1998 na Escola Municipal de Ensino Fundamental de 1^A. Série a 4^A.Série, com nome de “Comendador Hafis Abi Chedid”, os alunos surdos eram

de varias faixas etárias que compreendiam de 04 anos a 16 anos de idade e de ambos os sexos, distribuídos de acordo com o seu nível de alfabetização em salas só para alunos Surdos, as “Salas Especiais”, assim eram classificadas. Sendo que esta escola tinha como proposta educacional o atendimento de alunos para o ensino fundamental de 1ª à 4ª séries do ensino regular e não estava preparada para o ensino especial e menos ainda para educação infantil, que compreenderia alunos da pré-escola também. Por ai tem-se a dimensão das dificuldades iniciais encontradas, ainda tendo em vista a minha própria formação acadêmica, em que tinha tido poucas informações referentes à educação física para alunos surdos, sendo eu mais um a acrescentar nos dados da pesquisa realizada por SILVA (2005).

Sem as informações necessárias ou uma metodologia adequada para o ensino de alunos deficientes auditivos, tem-se o início das aulas. Na verdade, fico durante algumas semanas observando, de forma não evasiva, estes alunos em alguns momentos livres como no recreio, na hora do lanche, entrada e saída da escola e outras.

Nestes primeiros contatos com os alunos surdos, mesmo que à distância, observava que os seus padrões de desenvolvimento motor procediam sem alterações, estas observações fundamentavam-se em literaturas de alguns autores, estudados como conteúdo na graduação, a exemplo de: Richard A. Magill, Go Tani, Gallahue, Jean Lê Boulch e outros.

No entanto, a maior dificuldade não se encontrava no correr, no saltar, no subir, no brincar no parquinho da escola ou nas demais brincadeiras, sendo que na maioria destes momentos era compartilhado o mesmo espaço entre os alunos surdos e ouvintes. A esta situação me faz lembrar a citação de FREIRE (1994, p. 31) quando diz “... Não podendo falar, o recurso da criança para agir no mundo são as sensações e os movimentos corporais...”.

As dificuldades surgiam na comunicação entre os alunos surdos e ouvintes e com as demais pessoas que os cercavam durante este período escolar, inclusive a minha pessoa.

Tornando as relações entre ambos complicadas em função da dificuldade de comunicarem-se com os surdos, desta forma ficava prejudicada a compreensão das regras pelos alunos surdos, sobre o que podia ou não fazer durante esses momentos de brincadeiras, o que tornava muito difícil o relacionamento entre surdos e ouvintes, culminando quase sempre situações de atrito entre ambos. Dúvidas e mais dúvidas iam surgindo em meus pensamentos, e paralelamente aumentava a minha curiosidade em como trabalhar com estas crianças surdas.

Na graduação aprendemos o quanto às aulas de educação física poderiam propiciar aos alunos um desenvolvimento acentuado na aquisição e na compreensão de conceitos,

como: regras, limites, normas e outras, através de atividades motoras corporais programadas em jogos e brincadeiras. Para MRECH (1989) Apud KISHIMOTO (1999, p.109) diz:

Para todos aqueles que trabalham com Psicopedagogia e Educação Especial é bastante comum à vivência de situações em que é preciso estabelecer a intervenção psicopedagógica em função das necessidades especiais da criança. Os brinquedos jogos e materiais pedagógicos desempenham neste momento um papel nuclear.

Após estas semanas de observação, comecei a planejar algumas aulas para as salas especiais de surdos, que estavam divididas em três grupos, uma sala de educação infantil (pré-escola) com 05 alunos, com as aulas no período da tarde, e outras duas salas de ensino fundamental, uma de 1ª Série com 07 alunos e outra de 3ª.Série 06 alunos, ambas as salas no período da manhã. O número de aluno perfazia o total de 18 alunos, sendo 08 mulheres e 10 homens, referente a estes dados não se viam problemas na elaboração das aulas, contudo, no tocante as suas idades, sim, havia muitas diferenças, pois os alunos eram distribuídos nas salas pelo nível de alfabetização em que se encontravam no momento de sua matrícula escolar, chegávamos ter diferença em salas até de 06 anos de um aluno surdo em relação aos demais, o que nos referenciais de desenvolvimento do ser humano são diferenças bastante consideráveis, mesmo para estes alunos que aparentemente não apresentavam nenhum déficit motor.

As primeiras aulas basicamente constituíam-se de brincadeiras e jogos, mesmo por que tinham como propósito avaliá-los no decorrer das atividades propostas; em reforço a esta atitude cito FREIRE (1994, p.53) que em suas investigações sobre a pedagogia do movimento menciona que em brincadeiras como, "O esconde – esconde e outras brincadeiras podem permitir ao professor verificar o nível de desenvolvimento da criança, especialmente quanto à imagem corporal e à socialização". As aulas eram distribuídas para cada sala em duas vezes por semana com duração de 60 minutos.

E assim as aulas se procediam nas semanas seguintes após as avaliações, cada vez mais lúdicas e suas intervenções continuavam, mas as dificuldades de me relacionar com eles centrava-se na comunicação, por mais simples que fosse a atividade proposta, o nível de compreensão nas abstrações do aluno Surdo era grande, isto me intrigava muito, a ponto de sentir-me desafiado em buscar explicações ou fundamentações para o fato, encontrei nos estudos dos autores: Piaget, Wallon e Vygotsky que consideravam a atividade motora como um meio de adaptação, de transformação, de relacionamento com o mundo.

Realmente posso afirmar que percebia uma crescente melhora nas suas relações durante os intervalos de recreio, já eram menores os atritos (brigas) com os ouvintes, poderia

atribuir este fato às aulas de educação física, pois até momento não se tinha oportunizado, aos alunos surdos, atividades recreativas e direcionadas. Em relação à importância de estabelecer novos cominhos para as pessoas deficientes através das propostas de trabalho com objetivos de possibilitar uma maior interação entre as pessoas com deficiências e normais. Neste sentido ADAMS (1985) faz uma importante observação, "Graças às atividades recreativas, os deficientes físicos encontraram a motivação necessária para participarem de comunidades mais amplas, de produzir, de trabalhar e de assumir papéis de liderança na comunidade".

Os alunos surdos começavam a adaptarem-se aos jogos e brincadeiras e a perceberem seus limites e a existência de regras no brincar; sem dúvidas aquelas brincadeiras proporcionadas durante as aulas de educação física estavam provocando transformações e ganhos em seus relacionamentos com os demais ouvintes, a este fato recorro as palavras de PIAGET (1923) Apud VYGOTSKY (1998, p.19) ao mencionar "A verdadeira linguagem social da criança, isto é, a linguagem que ela utiliza em sua atividade fundamental – o brinquedo -, é uma linguagem de gestos, movimentos e mímica, tanto quanto de palavras".

Eu sabia, que para a maioria daqueles alunos surdos a fala era difícil, quase impossível, o que não era para todos, a linguagem transmitida pelo seu corpo através de seus gestos, mímicos e as expressões corporais, esta linguagem corporal transformava-se em uma comunicação muita mais expressiva e forte do que a minha fala. Neste momento começava a perceber a importância e o poder que tinha o ato de brincar, de jogar com a imaginação da criança surda, construída através de seus olhos em uma comunicação corporal e simbólica.

Em seus estudos FREIRE Apud DE MARCO (1995, p.42) cita:

O brinquedo é uma fábrica de símbolos. A brincadeira infantil é tão forte na criança que, se descuidarmos, a teremos brincando o tempo todo que estiver acordada. E, quando dormir, viverá em outra fábrica de símbolos que é o sonho. E é assim que tem que ser. O Símbolo é o dispositivo mais forte de proteção da espécie humana. É nosso mais importante recurso de adaptação à vida (o homem não é poderoso por suas mandíbulas ou patas; é poderoso por seus símbolos). Quando se dedica a fazer - de - conta, a criança está aprendendo aquilo que mais deve ser aprendido entre os humanos: a simbolizar. E com esse instrumento que ela vai dar conta de suas principais adaptações ao longo de sua vida.

Assim as aulas iam se fixando em uma metodologia com objetivos que visavam ao desenvolvimento motor, cognitivo na compreensão das regras pré-estabelecidas por algumas brincadeiras, bem como na construção de outras, na estimulação sensorial e interação social.

Com a utilização de brincadeiras e jogos, a exemplo: esconde – esconde, polícia e ladrão, mãe da rua, bolinhas de gude, joquem - pô (muito utilizado nas definições de grupos, líderes da vez e outras), perna de pau, sapato de lata, pega – pega, soltar pipa, pião, pula sela,

queimada, taco e outros jogos e brinquedos. Estas atividades eram direcionadas aos três níveis diferentes de salas e de faixas etárias, em que na maioria das brincadeiras só alterava o nível de exigência e compreensão dos alunos. Muitas delas trabalhavam diversos conceitos que auxiliavam o desempenho nos processo de alfabetização em sala de aula.

FREIRE (1994, p.41) ao destacar a importância da ação do professor nas aulas de educação física ao estimular a fantasia na criança menciona:

Vale destacar que conceitos como grande, pequeno, em cima, em baixo, tradicionalmente desenvolvidos nas atividades de escrever, desenhar, recortar, podem perfeitamente se trabalhados num contexto de brinquedo simbólico, de forma a ligar a tarefa da escola mais diretamente com as características próprias do período vivido pela criança.

Com isto aumentava o papel das aulas de educação física perante a escola, o que era uma simples atividade baseada em brincadeiras, tornava-se coisa séria, pois os alunos surdos demonstravam aprender conceitos que anteriormente tinham dificuldades em adquiri-los só em sala de aula.

Quanto ao jogo e suas qualidades educativas temos FREIRE (2002, p. 87) que menciona que, “O jogo é, como vemos, uma das mais educativas atividades humanas, se o considerarmos por esse prisma. Ele educa não para que saibamos mais matemática ou português ou futebol; ele educa para sermos mais gente, o que não é pouco”.

Algumas das barreiras na comunicação existentes entre mim e os alunos surdos foram eliminadas após ter aprendido a me comunicar através da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Assim pensava que estavam resolvidos meus problemas de comunicação com meus alunos surdos, mas o engano tornava-se terrível, principalmente com as questões de abstrações, isto é, os alunos surdos encontram dificuldades na compreensão do que é abstrato. O surdo tem muita dificuldade em compreender ou abstrair conceitos como: amor, paixão, morte, ir para céu, e outros. Lembro-me que por vários momentos após as aulas ficava pensando como era o desenvolvimento destes conceitos cognitivamente, se os alunos surdos só me imitavam, meramente reproduzindo meus gestos ao demonstrar-lhes uma brincadeira ou jogo, ou compreendiam claramente. A exemplo falarei de uma experiência que passei numa certa aula de educação física, em que naquele dia a proposta era a brincar de polícia e ladrão uma mistura de esconde – esconde com pega – pega, com os alunos mais velhos das salas de 1ª. e 3ª. séries. Foram reunidos e se dividiriam formando dois grupos, sendo que o primeiro representaria os policiais e o segundo os ladrões, incrível, os dois grupos queriam ser policiais, ninguém queria ser ladrão, aí perguntei-lhes o motivo, a resposta foi que ser ladrão

não era bom, falei que era apenas uma brincadeira de mentira, mas continuavam resistentes, pois já tinham formado seus conceitos sociais sobre o bem e o mal, ser bom ou ruim, na tentativa de convencê-los, falei que, quando todos os ladrões fossem pegos, os mesmos tornariam-se policiais e vice-versa, pronto acabava de complicar ainda mais. Como assim um ladrão virar policial, não podia, falavam com sinais. A verdade, é que brincar no faz de conta, simbolizar era a nossa real dificuldade com os alunos surdos para eles abstraírem este conceito, só brincando e jogando com eles aulas após aulas até que formassem tais conceitos do irreal, do faz de conta, da fantasia. E assim a educação física continuaria oportunizando a estes alunos o desenvolvimento na sua educação de forma a contribuir para melhora dos seus aspectos motores e cognitivos.

E no decorrer dos meses o planejamento das aulas de educação física ia se estruturando em atividades lúdicas, no brincar e jogar que envolviam o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo social, com isto observávamos que acentuava uma melhora cada vez maior na interação dos alunos com os ouvintes. E durante algum tempo as aulas de educação física se procederam nesta metodologia, em que os alunos surdos tinham suas aulas separadamente dos alunos ouvintes, no entanto observava a fluência das mesmas atividades na hora do recreio, pois muitas das brincadeiras realizadas no período de aulas de educação física eram continuadas em seus intervalos de recreio, e, aliás, a fluência tinha um dinamismo muito forte, o que não ocorria nas aulas com as salas de surdos, em virtude de sua interação ser menor em função do grupo ser pequeno e só de surdos, minhas representações durante as aulas eram únicas de ouvintes, enquanto no recreio suas interações ocorriam com vários ouvintes e crianças, as quais simbolizavam o tempo todo nas brincadeiras, os exemplos não eram únicos.

Tinha que mudar a forma das aulas de educação física, não em relação aos conteúdos e sim em sua distribuição de alunos, integrando surdos e ouvintes, as salas “Especiais de Surdos” com as salas “Regulares Ouvintes”. Dando os mesmos direitos, de forma igual, 50% para surdos e 50% para ouvintes. Mas até este momento as aulas seguiam a lógica da organização curricular da escola que se baseia em sistemas escolares como nas palavras de MANTOAN (2003, p.19) ao mencionar que “Os sistemas escolares também estão montados a partir de um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normal e deficiente, as modalidades de ensino em regular e especial...”.

Realmente não podia continuar trabalhado-os separadamente, mesmo porque, ao passar-lhes uma nova atividade, levava de três a quatro aulas, o que não ocorreria ao trabalhar as aulas em conjunto com alunos surdo e ouvintes, minhas explicações não duravam mais do

que minutos, o tempo suficiente para estimular suas imaginações em relação à brincadeira que viria a seguir. Contudo este trabalho tinha uma aceitação prévia da direção da escola, as aulas conjuntas teriam o caráter de experiência, pois até aquele momento os alunos surdos tinham sua educação regradada às salas de aulas especiais só para surdos, e era esta uma das únicas situações vividas pelos alunos surdos e ouvintes de integração, durante o período escolar, salvo nos intervalos de recreios, quando nem sempre estavam juntos.

Assim as aulas de educação física se procedem não mais a caráter experimental em virtude de que com esta experiência obtivemos grandes resultados, a exemplo: houve um interesse maior dos alunos ouvintes em aprender a LIBRAS, as relações entre ambos aumentavam, pois agora começavam a compreenderem-se uns aos outros, a linguagem que antes era desenvolvida somente na fala agora tinha uma aliada muito forte: a linguagem corporal com gestos, sinais e expressões, a comunicação entre alunos surdos e ouvintes tomava outro caminho, o da integração. Para as aulas de educação física os ganhos foram fenomenais, as atividades eram entendidas com mais facilidade, os alunos hoje interagem muito mais, por se compreenderem tanto na linguagem dos surdos, a LIBRAS, como na corporal, nos movimentos e ações do corpo, a linguagem da educação física única e universal.

Após alguns anos, a nossa realidade na escola hoje é a seguinte, temos cinco salas de aulas que atendem da educação Infantil ao ensino fundamental de 1ª. A 4ª. Série. Ambos continuam tendo duas aulas de educação física semanais, e junto com ensino regular (ouvintes), e neste ano de 2005 começou “a caráter experimental”, a primeira sala de aula com inclusão de surdos e ouvintes uma 4ª. Série do ensino fundamental. Como representou na primeira aula de educação física experimental, agora podemos ver a primeira sala de aula com surdos e ouvintes juntos, sem dúvidas, podemos ver o papel que representaram aquelas aulas de educação física.

Aqui finalizo meus relatos, desta experiência que foi e está acontecendo em trabalhar com alunos surdos, e espero que daqui possa surgir uma metodologia mais apurada e que venha servir de modelo, futuros, ao ensino e aprendizagem da pessoa surda.